

ALLIAHONA

LA IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1994



A LIAHONA

AGOSTO DE 1994



Na capa:

Há quatro anos, Irene Gozzi esteve entre as 130 participantes de um acampamento multiestado da Organização das Moças, na Itália. O acampamento ainda hoje influencia as participantes. Ver "Lembranças da Luz", página 34. Fotografia da capa de Don Thorpe.

Capa da Seção Infantil:

Embora viva em uma ilha conhecida por seus mitos e lendas, Illiam Jones sabe onde está a verdade. Ver "Illiam Jones, da Ilha de Man", página 14. Fotografia de Richard M. Romney.

ÍNDICE

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: E SAINDO PEDRO . . . CHOROU AMARGAMENTE	2
"SABIA QUE ELA ESTARIA AQUI HOJE" OLE M. SMITH	8
DÁDIVAS DA ANTIGA ISRAEL LYNETTE H. KELLEY	14
QUANDO TODOS HOVEREM FALADO BRENT A. BARLOW	18
FOLHETO NA ÁGUA GAMALIEL ALCIDES VÁSQUEZ	22
AJUDAR AS CRIANÇAS A OUVIREM A VOZ MANSA E DELICADA C. TERRY E SUSAN L. WARNER	26
NOSSO DIA DE SEMEADURA NETZAHUALCOYOTL SAKUBAS V.	32
MINHA ROSEIRA	40

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

ALVIN MARTINEZ: TORNAR-SE GRANDE COMO UM ARRANHA-CÉU MILES TUASON	10
LEMBRANÇAS DA LUZ DON E CATHERINE THORPE	34
DE TODO O CORAÇÃO SETH H. BOYLE	44
ERGA-SE E DEFENDA SUA CRENÇA ÉLDER JAMES E. FAUST	46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: FREQUENTAR O TEMPLO: DESAFIOS E BÊNÇÃOS	25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: ALMA ACONSELHA SEUS FILHOS	2
SÓ PARA DIVERTIR	5
FICÇÃO: BARRA DE CHOCOLATE JANE MCBRIDE CHOATE	6
TEMPO DE COMPARTILHAR: EXAMINAI AS ESCRITURAS JUDY EDWARDS	10
FICÇÃO PARA OS AMIGUINHOS: O DIA DA BIGA MICHELLE BRUMM OLIVER	12
FAZER AMIGOS: ILLIAN JONES, DA ILHA DE MAN RICHARD M. ROMNEY	14

AGOSTO de 1994, Vol. 18, nº 8
A LIAHONA, 94988 059 - São Paulo - Brasil
Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus
Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Howard W. Hunter,
Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quórum dos Doze: Gordon B. Hinckley,
Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight,
James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson,
Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin,
Richard G. Scott, Robert D. Hales

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie,
John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:

Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnn Martindale
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler,
Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:

Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson
Gerente de Circulação: Joyce Hansen
Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob
nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas
deverá ser endereçada ao:

**Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 - São Paulo, SP.**

Preço da assinatura anual para o Brasil: **R\$ 7,80;**
para Portugal - Centro de Distribuição Portugal, Rua
Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada.
Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples
US\$ 5,00, aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa
agência: **R\$ 0,65.**

As mudanças de endereço devem ser comunicadas
indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos
dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição
Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus
Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o
número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas
Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº
4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é
publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês,
inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano,
norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês;
bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e
trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco.
Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua
Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos
o direito de publicar somente os artigos solicitados
pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as
colaborações para apreciação da redação e da equipe
internacional do "International Magazine". Colaborações
espontâneas e matérias dos correspondentes estarão
sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,
2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011)
816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published
monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day
Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah
84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah
and at additional mailing offices. Subscription price
\$9,00 a year. \$1,00 per single copy. Thirty days' notice
required for change of address. When ordering a change,
include address label from a recent issue; changes cannot
be made unless both the old address and the new are
included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and
queries to Church Magazines, 50 East North Temple
Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription
information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA
at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah
84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

UM GUIA IMPORTANTE

Leio todos os números de *A Liahona* (português) desde que fui batizado em dezembro de 1965. Penso que a revista é um importante guia espiritual para as famílias SUD.

Gosto especialmente de ler sobre nossos irmãos e irmãs no evangelho de todas as partes do mundo.

Sou grato a todos aqueles que colaboram com a revista. Sua leitura tem-me ajudado a crescer espiritualmente e a tornar-me uma pessoa melhor.

João Guarnirri
São Paulo, Brasil

LINDAS MENSAGENS

Tive o primeiro contato com os missionários em 1992. Durante a primeira palestra, senti algo especial no coração. Nas palestras seguintes, aprendi princípios do evangelho que nem sabia existirem. A primeira vez que assisti a uma reunião da Igreja, os membros me receberam calorosamente, como se já me conhecessem.

Fui o primeiro membro de minha família a ser batizado. Agora, minhas duas irmãs também são membros e meu pai está lendo o Livro de Mórmon.

Já faz alguns meses que tenho recebido a *Liahona* (espanhol) e estou muito contente com seu conteúdo.

No exemplar de fevereiro de 1993, o Presidente Thomas S. Monson escreveu o artigo: "Os Caminhos por Onde Jesus Andou". Foi uma linda Mensagem da Primeira Presidência. Fui profundamente

tocada por seu conselho: "Num sentido muito real, todos podemos andar por onde Jesus andou—tendo nos lábios suas palavras, no coração seu espírito e em nossa vida seus pensamentos—enquanto passamos pela mortalidade".

A revista contém mensagens que ensinam tanto! Os artigos a respeito dos santos e seu testemunho não só ajudam a mim, mas também podem ajudar a outros que ainda não são membros da Igreja.

Wanda Rivera
Ramo Isabela
Estaca Mayaguez Porto Rico

ESPIRITUALMENTE REVIGORANTE

L'Etoile (francês) é uma revista que aprecio muito.

Gosto de ler as Mensagens da Primeira Presidência e as experiências dos santos dos últimos dias de todo o mundo.

A revista me revigora espiritualmente todo mês. Fico à espera de cada nova edição.

Grato por seu trabalho.

Léonard Heo-Moun
Ala Hitiia
Estaca Paea Taiti

NOTA DO EDITOR

Agradecemos imensamente a nossos fiéis leitores e os convidamos a nos mandar cartas, artigos e histórias. Idioma não é problema. Inclua o nome e endereço completos e a ala e estaca (ramo e distrito). Nosso endereço é: International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA.



E Saindo Pedro . . . Chorou Amargamente

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Gostaria de lembrar-vos aquela medonha noite em Jerusalém e suas cercanias, após concluir-se a Última Ceia. Jesus e seus discípulos deixaram a cidade e foram ao Monte das Oliveiras. Sabendo que Sua imensa provação se aproximava, Jesus falou àqueles a quem amava, dizendo-lhes: “Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim [ou seja, me abandonareis] . . .

Mas Pedro respondendo, disse-lhe: Ainda que todos se escandalizem em ti, nunca me escandalizarei.

Disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes me negarás.

Disse-lhe Pedro: Ainda que me seja mister morrer contigo, não te negarei” (Mateus 26:31, 33–35).

Seguiram-se, logo após, a terrível agonia no Jardim do Getsêmani e a traição. Ao se aproximarem da corte de Caifás, “Pedro o seguiu . . . ao pátio do sumo sacerdote e, entrando, assentou-se entre os criados, para ver o fim” (Mateus 26:58).

Pedro declarou que nunca negaria o Senhor, mas a fraqueza da carne dominou-o e, sob a pressão acusadora, sua determinação fraquejou. Reconhecendo, porém, sua fraqueza e seu erro, saiu dali e chorou.

No desenrolar daquele simulacro de julgamento, enquanto os acusadores de Jesus lhe cuspiam no rosto, esbofeteavam-no e agrediam-no com socos, uma criada, vendo Pedro, disse:

“Tu também estavas com Jesus, o galileu.

Mas ele negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes.

E, saindo para o vestibulo, outra criada o viu, e disse aos que ali estavam: Este também estava com Jesus, o nazareno.

E ele negou outra vez com juramento: Não conheço tal homem.

E daí a pouco, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente também tu és deles, pois a tua fala te denuncia.

Então começou ele a praguejar e a jurar dizendo: Não conheço esse homem. E imediatamente o galo cantou.

E lembrou-se Pedro das palavras de Jesus, que lhe dissera: Antes que o galo cante, três vezes me negarás. *E, saindo dali, chorou amargamente*” (Mateus 26:69–75; grifo nosso).

Quão dramáticas são essas palavras! Pedro, afirmando lealdade, determinação, resolução, disse que nunca o negaria, mas a fraqueza da carne dominou-o e, sob a pressão acusadora, sua determinação fraquejou. Reconhecendo, porém, sua debilidade e seu erro, saiu dali e chorou.

A TRAGÉDIA DE GRANDES OBJETIVOS MAS PEQUENAS REALIZAÇÕES

Ao ler esse relato, compadeço-me de Pedro. Muitos de nós somos semelhantes a ele. Garantimos nossa lealdade; expressamos nossa determinação de sermos

corajosos; declaramos, algumas vezes publicamente, que, aconteça o que acontecer, faremos o que é certo, apoiaremos as causas certas e seremos verdadeiros para com nós mesmos e para com os outros.

Sobrevêm, porém, as pressões. Algumas são de natureza social, outras são apetites pessoais e, algumas vezes, manifestam-se na forma de falsas ambições. A força de vontade se enfraquece, a disciplina esmorece e vem a capitulação. Seguem-se o remorso, a auto-acusação e as lágrimas amargas do arrependimento.

Vemos freqüentemente um outro tipo de tragédia: pessoas que têm grandes objetivos mas que realizam pouco. Os motivos são nobres, suas intenções são dignas de louvores, sua capacidade é grande, mas sua disciplina é fraca. Tais pessoas sucumbem à indolência e sua falta de esforços rouba-lhes a vontade.

Lembro-me de um homem que conheci e que não era membro da Igreja. Era formado por uma grande universidade e tinha um potencial ilimitado. Um rapaz com excelente nível de instrução e muitas perspectivas, ele sonhava com as estrelas e parecia dirigir-se a elas. Na companhia onde trabalhava enquanto jovem, foi promovido de uma função a outra, cada uma com melhores oportunidades que a anterior. Em poucos anos, estava nos mais altos escalões da empresa. Devido a suas funções, ia a muitos coquetéis. Como muitos outros, não conseguiu controlar-se, tornando-se um alcoólatra, vítima de um apetite que não conseguia dominar. Ele buscou ajuda mas era orgulhoso demais para submeter-se ao regime que lhe fora imposto por aqueles que tentavam auxiliá-lo.

Desmoronou como uma estrela cadente, sucumbindo tragicamente e desaparecendo na noite. Perguntei a diversos amigos e finalmente fiquei sabendo a verdade a respeito de seu trágico fim. Ele, que começara com



Pedro disse ao coxo: “Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou: Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. (. . .) E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, . . . louvando a Deus” (Atos 3:6,8).

objetivos dos mais elevados e com um talento impressionante, morrera na sarjeta em uma de nossas grandes cidades. Ele tinha certeza de sua força e capacidade de atingir seu potencial. No entanto, negou-se essa capacidade. Tenho certeza de que, ao ver seu mundo desmoronar-se, ele deve ter chorado amargamente.

Lembro-me do exemplo de outro homem que conheci bem. Ele entrou para a Igreja há muito tempo, quando eu era missionário nas Ilhas Britânicas. Ele fumava e, logo após tornar-se membro da Igreja, orou para que tivesse forças e o Senhor respondeu a suas orações, dando-lhe força para vencer o hábito. Ele buscava a Deus e vivia num estado de felicidade que jamais conhecera anteriormente, mas algo aconteceu: as pressões sociais e familiares apoderaram-se dele e

sucumbiu a seus apetites. O cheiro do tabaco seduziu-o. Encontrei-me com ele alguns anos mais tarde e conversamos a respeito dos velhos e melhores dias que conhecera. Ele chorou amargamente. Culpou isso e aquilo e, ao fazê-lo, tive o desejo de repetir-lhe as palavras de Cássio:

*A culpa, caro Brutus, não está nas estrelas,
Mas em nós, que somos subordinados a elas.*

(William Shakespeare, *Júlio César*, Ato I, Cena 2, versos 140–141.)

Poderia continuar a falar-vos a respeito daqueles que começam com objetivos nobres mas reduzem seu ritmo ou daqueles que começam com toda força mas chegam fracos ao final. Há muitos no jogo da vida que saem bem na largada não conseguindo, no entanto, marcar pontos e classificar-se no final. Essas pessoas tendem a viver para si mesmas, negando seus instintos de generosidade, apegando-se às coisas materiais e, em seu modo de viver egoísta e insípido, não compartilham os talentos ou a fé com os outros. Disse o Senhor a respeito delas: “E esta será a vossa lamentação no dia da visitação, do julgamento e da indignação: Passada é a colheita, findo é o verão, e a minha alma não está salva!” (D&C 56:16.)

Desejo também falar a respeito daqueles que professam amor ao Senhor e Seu trabalho e a seguir O negam, seja pela palavra ou pelo silêncio.

A TRAGÉDIA DA PERDA DA FÉ

Lembro-me de um rapaz de grande fé e devoção. Ele foi meu amigo e mentor durante um período muito melindroso de minha vida. Seu modo de viver e o entusiasmo com que trabalhava evidenciavam seu amor pelo Senhor e pelo serviço da Igreja. Entretanto, foi

vagarosamente desviado do caminho pelos elogios das pessoas com quem se associava e que viam nele uma maneira de terem sucesso nos empreendimentos dos quais participavam juntos. Em vez de conduzi-los em direção à fé e a seu modo de comportar-se, ele foi, aos poucos, sucumbindo aos atrativos do lado oposto.

Ele nunca falou contra a fé pela qual vivera. Não havia necessidade. Seu novo modo de vida era evidência suficiente de que a abandonara. Os anos passaram-se e encontrei-me com ele novamente. Falou-me de modo desiludido. Com voz baixa e olhando para o chão, contou-me a respeito de como vagara ao léu ao separar-se da âncora que era sua tão amada fé. Então, ao concluir seu relato, como Pedro, ele chorou.

Há alguns anos, conversei com um amigo sobre um conhecido que tínhamos em comum, um homem muito respeitado em sua carreira: “Mas o que me diz de sua atividade na Igreja?” perguntei. Meu amigo respondeu: “Em seu coração, ele sabe que é verdadeira, mas tem medo dela. Ele teme que, caso dê a conhecer sua associação com a Igreja e viva seus padrões, seja excluído do meio social em que vive”.

Refleti: “Chegará o dia, talvez em sua velhice, quando, em momentos de reflexão, este homem descobrirá que trocou sua primogenitura por um prato de lentilhas (ver Gênesis 25:34); e haverá remorso, sofrimento e lágrimas, pois ele perceberá que negou não somente o Senhor em sua própria vida, mas também O negou a seus filhos que terão crescido sem uma fé que lhes sirva de apoio”.

O próprio Senhor disse: “Porquanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos” (Marcos 8:38).

PEDRO ARREPENDE-SE E PROVA SUA FIDELIDADE

Voltemos a Pedro, que negou Cristo e chorou. Reconhecendo o erro e arrependendo-se de sua fraqueza, ele se transformou e tornou-se uma potente voz a prestar testemunho do Senhor ressuscitado. Ele, o apóstolo mais antigo, dedicou o restante da vida a testificar a respeito da missão, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, o Filho vivo do Deus vivo. Pregou o comovente sermão do dia de Pentecostes, quando a multidão foi tocada pelo poder do Espírito Santo. Pela autoridade do sacerdócio recebido do Mestre, ele, junto com João, curou o coxo, milagre esse que lhe trouxe perseguição. Sem temor, falou por seus irmãos ao serem levados diante do Sinédrio. Foi dele a visão que fez com que o evangelho fosse levado aos gentios. (Ver Atos 2-4, 10.)

Conta a tradição que ele foi acorrentado e aprisionado e sofreu uma horrível morte ao ser martirizado como uma testemunha daquele que o chamara a deixar suas redes e tornar-se pescador de homens. (Ver Mateus 4:19.) Manteve-se fiel e verdadeiro à grande e imperiosa responsabilidade dada quando o Senhor ressuscitado, na instrução final aos onze apóstolos, encarregou-os de irem e ensinarem “todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus 28:19). E foi ele que, junto com Tiago e João, voltou à Terra nesta dispensação para conferir o santo sacerdócio ao Profeta Joseph Smith, sob cuja autoridade divina a Igreja de Jesus Cristo foi organizada nestes últimos dias e sob cuja mesma autoridade ela funciona atualmente. Pedro realizou esses e muitos outros trabalhos significativos, o mesmo Pedro que negara Cristo e sofrera, e que sobrepujou seu erro para levar avante o trabalho do Senhor após Sua ascensão e participar da restauração de tal trabalho na dispensação atual.



Acusado de haver curado o coxo, Pedro destemidamente falou por seus irmãos diante do Sinédrio. Prestando testemunho de Jesus Cristo, declarou: "Porque também debaixo do céu nenhum outro nome há . . . pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12).

DECISÃO DE VOLTAR À VERDADE

Se houver na Igreja aqueles que, por palavras ou ações, tenham negado a fé, oro para que encontrem conforto e decisão no exemplo de Pedro, que, apesar de caminhar diariamente ao lado de Cristo, num momento extremo, ainda que breve, negou o Senhor e o testemunho que tinha em seu próprio coração, mas conseguiu sobrepujar seu erro e tornou-se um grande defensor e um incansável protetor. Portanto, qualquer pessoa pode transformar-se e somar sua força e sua fé à força e fé de outros para construir o reino de Deus.

Conheço um homem excelente que cresceu amando a Igreja, mas ao envolver-se no mundo dos negócios, ficou obcecado pela ambição e começou a negar a fé. Seu modo de vida tornou-se quase um repúdio à sua

lealdade. Então, felizmente, antes que tivesse ido muito longe, ouviu os sussurros da voz mansa e suave e sentiu o remorso que o salvou. Mudou de direção e tornou-se o presidente de uma grande estaca de Sião.

Meus amados irmãos, vós que talvez vos tenhais desviado do caminho, a Igreja precisa de vós e vós precisais da Igreja. Encontrareis muitos ouvidos prontos a escutar e entender. Haverá muitas mãos para ajudá-los a encontrar o caminho de volta. Haverá corações para acalantar os vossos. Haverá lágrimas, não de amargura, mas de alegria.

Que o Senhor vos toque pelo poder de Seu Espírito, a fim de aumentar vosso desejo. Que Ele possa fortalecer vosso poder de decisão. Que vosso gozo seja pleno e vossa paz seja doce e satisfatória ao retornardes ao que, em vossos corações, sabeis ser verdadeiro. □

SUGESTÕES PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. No princípio, Pedro afirmou sua lealdade, mas, sob pressão, sua determinação fraquejou.

2. A mensagem da história de Pedro é que, uma vez reconhecido seu erro, se arrependeu e se tornou um grande servo do Senhor.

3. Como Pedro, muitos de nós afirmamos lealdade e garantimos que seremos fiéis, mas as pressões sobrevêm, nossa força de vontade esmorece e capitulamos. Lágrimas de arrependimento virão depois.

4. A menos que apliquemos o exemplo do arrependimento de Pedro, um dia lamentaremos: "Passada é a colheita, findo é o verão, e a minha alma não está salva!" (D&C 56:16.)

5. Qualquer pessoa pode sobrepujar a fraqueza e somar sua força à de outros para construir o reino de Deus.

“Sabia que Ela Estaria Aqui Hoje”

Ole M. Smith

Quando eu morava em Porto Rico, há vários anos, tinha um companheiro de visitas de mestre familiar que, como eu, havia nascido na Igreja e era ex-missionário. Nós dois confiávamos em nosso conhecimento do evangelho. Aprendemos, porém, uma grande lição com um menino de oito anos de idade que não fez mais do que exercitar a fé simples pela qual todos nós somos aconselhados a viver.

Bill e eu fomos designados para visitar a irmã Lambert, senhora idosa, um dos primeiros membros de Porto Rico. Ela, porém, começara a dedicar mais tempo a seu negócio de plantas e sementes, depois que o marido a deixou. Nós a víamos cada vez menos nas reuniões e atividades da Igreja.

Ficara também mais difícil encontrá-la em casa. Bill e eu, contudo, conseguíamos visitá-la regularmente. Todo mês, aparecíamos com lições especialmente preparadas e fazíamos o melhor que podíamos. Nada, porém, parecia funcionar. Ela dizia que tinha um forte testemunho do evangelho, mas, ainda assim, não comparecia à Igreja.

Um domingo, telefonei à irmã Lambert para saber se já havia chegado em casa. Quando ela atendeu ao telefone, percebi que Bill e eu devíamos visitá-la de imediato. Infelizmente, porém, Bill estava fora, em uma designação do sumo conselho.

Minha cabeça rapidamente se pôs a trabalhar em busca de idéias e, após descartar muitas, a melhor me veio à mente: Levar meu filho recém-batizado, Trent, comigo.

“Ponha uma gravata, Trent”, disse-lhe eu. “Nós dois vamos fazer uma visita de mestre familiar.”

Ele ficou surpreso, mas orgulhosamente apanhou a gravata, enrolou-a no pescoço e lá fomos nós.

No caminho para a casa da irmã Lambert, senti-me inspirado a deixar que Trent desse a mensagem. Assim, enquanto dirigia, discuti o tema com ele. Quando chegamos, ele estava pronto.

Ainda me lembro do sorriso da irmã Lambert ao cumprimentar meu jovem filho. Depois de conversarmos um pouco, Trent deu uma bela aula. Fomos embora satisfeitos com nossa visita.

Após algumas semanas, na noite anterior ao domingo de jejum, lembrei a Trent a meta que ele próprio estabelecera, de jejuar nos dias de jejum. Falei das bênçãos que provêm do jejum e expliquei que devemos jejuar com um propósito. “Se for um desejo justo”, eu disse, “o Senhor nos ajudará a torná-lo realidade”.

“Eu sei, pai”, ele respondeu. “Já tenho um propósito especial para meu jejum.”

Quando entramos na capela naquela tarde, eu mal pude acreditar. Havia muito tempo que ela não ia à Igreja, mas lá estava ela—irmã Lambert!

Levou algum tempo, pensei, mas Bill e eu finalmente conseguimos. Ela afinal ouviu nossas mensagens e sentiu o quanto nos importávamos com ela.

Então, para que Trent também participasse da emoção daquele momento, inclinei-me para ele e sussurrei: “Não está feliz e surpreso que a irmã Lambert esteja aqui hoje? Você ajudou, sabia?”

Sua resposta deixou-me sem voz. “Estou muito feliz, pai”, ele disse, “mas não estou surpreso. Eu jejei para que ela voltasse para a Igreja. Sabia que ela estaria aqui hoje”.

Agradei pela oportunidade de ver vidas—a da irmã Lambert e a minha própria—serem tocadas pela fé que uma criança teve no jejum. □





SAN ANTONIO

SA

Team Colors: Red and White
Inaugural year: 1891-1901
Market: San Antonio, TX

ALVIN MARTINEZ: TORNAR-SE GRANDE COMO UM ARRANHA-CÉU

Miles Tuason

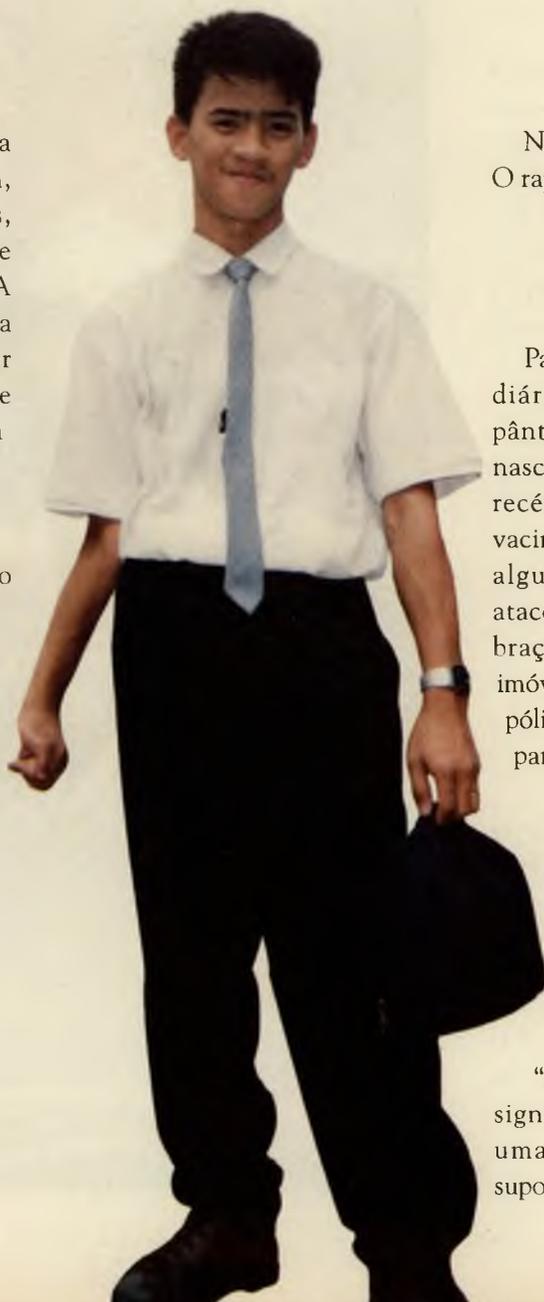
A capela simples da Avenida Buendia em Manila, capital das Filipinas, parece meio deslocada em contraste com os vizinhos nada simples. A capela, que também é a sede da Estaca Makati, está cercada por alguns dos arranha-céus mais altos de Manila e situa-se em uma área anteriormente ocupada por um pântano sem valor imobiliário.

Em sua quadra, as atividades comuns, como uma competição esportiva entre os jovens da estaca, tornam-se extraordinárias. Por exemplo, observe a equipe de basquete da Ala III de Mandaluyong. Repentinamente, seus olhos se concentram num rapaz cambaleando e mancando a caminho da quadra.

Um ferimento no joelho, talvez?

Um pulso torcido?

Sobrepujando a timidez causada pela deficiência física, Alvin Martinez gosta de fazer parte da Igreja. Ele diz que aprecia muito estar com seus amigos da Igreja.



Não é bem isso, descobre-se logo. O rapaz é parcialmente paráltico.

DE PÂNTANOS A ARRANHA-CÉUS

Para Alvin Martinez, os desafios diários são como transformar pântanos em arranha-céus. Alvin nasceu saudável e, como todos os recém-nascidos, nas Filipinas, foi vacinado contra a poliomielite. De algum modo, porém, a vacina atacou-lhe os nervos. Sua perna e braço direitos começaram a ficar imóveis. Ao final, a vacina contra a pólio deixou todo o seu lado direito paralisado.

Seus colegas freqüentemente caçoavam dele na escola ao vê-lo mancando para chegar à sala de aula.

“É o Alvin”, gritava um.

“Se o caminho é reto, por que você anda torto?”, caçoava outro.

“Alvin, Alvin, *pilay!*” *Pilay* significa “manco”. Essa era mais uma das zombarias que ele suportava de seus colegas normais.

Alvin é um dos rapazes mais ativos na ala, quer seja para jogar basquete, trabalhar num projeto de serviço ou freqüentar o seminário regularmente.

As galhofas, porém, não eram a única provação. Seu pai morreu repentinamente de derrame. Sofrendo com a perda na família e com os comentários maldosos dos colegas, Alvin foi se afastando da escola e das atividades da Igreja e acabou por encontrar uma outra *barkada*, ou grupo de amigos.

Em Manila, uma *barkada* é o nome dado a um grupo de amigos que edificam ou destroem. A *barkada* de Alvin era do tipo negativo. Ainda assim ele tentava manter seus padrões de membro da Igreja. "Meus amigos convidavam-me para fumar, mas eu dizia-lhes que era mórmon", lembra-se ele.

COMO DAVI E GOLIAS

Finalmente, Alvin decidiu-se pelo sucesso a despeito de suas limitações e, como Davi na antigüidade, partiu para derrotar seus próprios "Golias". Tomou a firme decisão de continuar os estudos. Sua mãe viúva, que era costureira, ficou muito feliz. Ela sempre lhe dizia que seu futuro seria melhor se tivesse um bom nível de instrução.

Na escola, Alvin encontrou uma



nova *barkada* formada de colegas que o tratavam com respeito. “Todos os meus colegas são gentis e amistosos”, diz ele com alegria.

Um pouco acanhado no princípio, mas sendo espirituoso e gostando de divertir-se, Alvin começou a descobrir que a Igreja era como se fosse sua própria casa. “Gostava de ir à Igreja e de ficar com meus amigos”, diz Alvin. Devido à influência de bons amigos na Igreja e dos membros do quórum do sacerdócio, seu testemunho fortaleceu-se e, com a ajuda dos líderes da juventude, acabou por voltar à atividade. Ao visitá-lo, seus amigos e líderes diziam-lhe que não devia envergonhar-se de sua deficiência. “Queríamos que ele conhecesse seu valor”, lembra um dos líderes “e, ao final, ele acabou sentindo que era reconhecido”. Alvin é grato pelos missionários que ensinaram sua família e ainda mais grato pelos líderes dos jovens que o ajudaram a voltar para a Igreja depois de enfrentar seus problemas.

CONTAMOS COM ELE

Alvin é hoje um dos jovens mais ativos na ala. Ele aprecia muito estar com os líderes da Igreja. “Eles não se envergonham de estar comigo”, diz com alegria. “Eles nem mesmo zombam de mim”. Em vez disso, é Alvin que faz brincadeiras com eles.

Sua dedicação é exemplar. Num

domingo, ele conversava animadamente com outros rapazes.

“Pediram-nos que limpássemos as áreas externas da capela no próximo sábado”, disse um.

“Temos outra atividade mais interessante”, replicou outro.

“Vamos fazer primeiro o que nos mandaram”, disse Alvin.

Chegou o sábado e, antes que os outros rapazes tivessem chegado, Alvin já estava lá com as roupas de trabalho, tendo levado consigo um primo que não era membro da Igreja.

Não se pode evitar fazer uma ligação entre Alvin e sua escritura predileta: “Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor” (1 Néfi 3:7).

Alvin foi recentemente premiado pela freqüência ao seminário, que, para os jovens de Manila, se realiza normalmente à tarde ou no princípio da noite, quando os congestionamentos de tráfego atingem o máximo. Mas Alvin chega na hora. “No que diz respeito à aplicação da lição à vida diária, Alvin tenta fazer sempre o melhor”, comenta o irmão Nolan Caceres, professor do seminário.

Observa-se a mesma atitude em outras atividades. A equipe de basquete da qual ele participa ficou em segundo lugar na competição esportiva da estaca. Quando há atividades noturnas na capela, “ele jamais falta”, comenta o irmão Caceres. “Contamos com ele”.

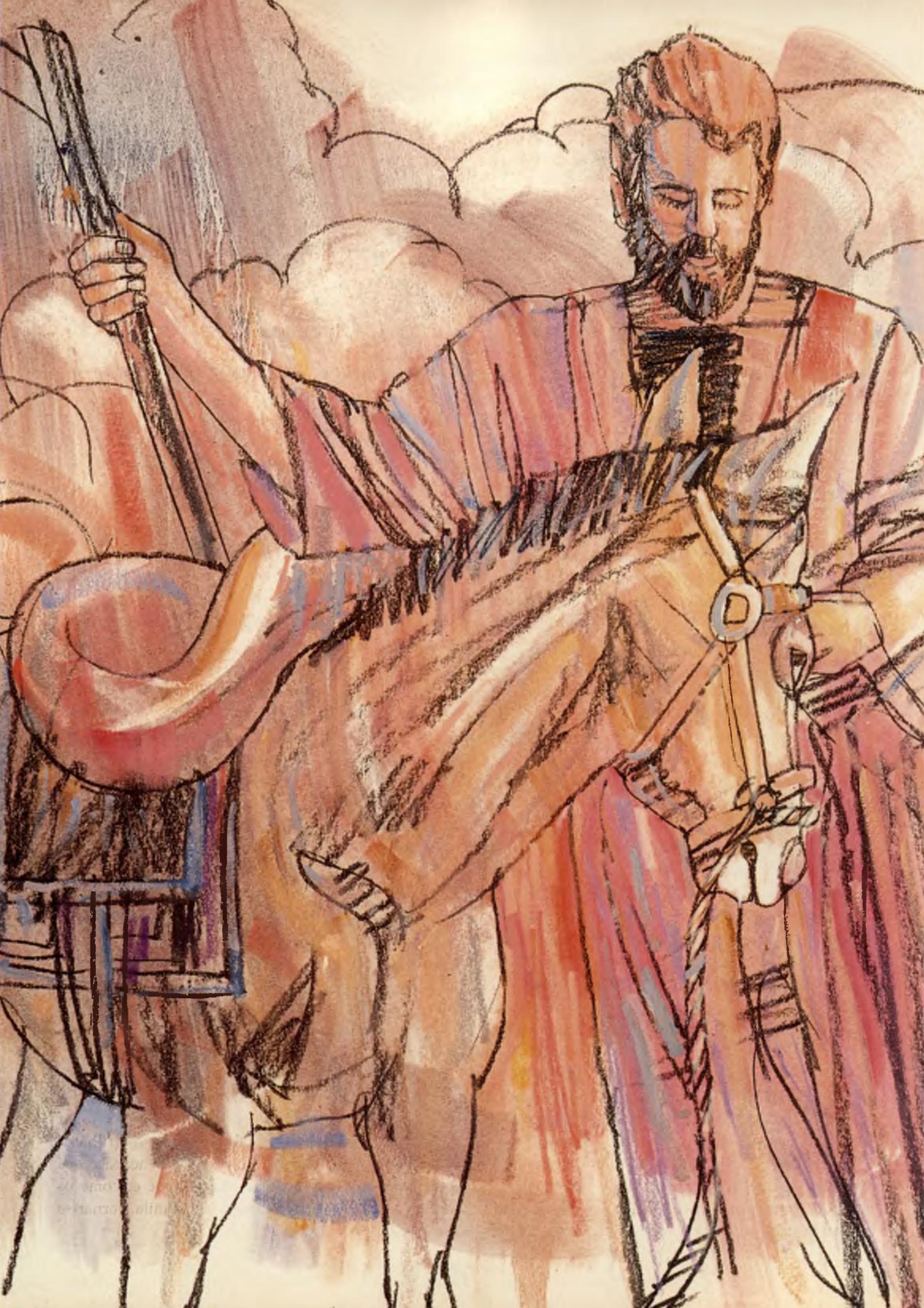
GRANDES SONHOS

Do mesmo modo que os arranha-céus que se erguem próximos à capela, as esperanças de Alvin são bem altas. Ele sonha ter seus próprios negócios, mas sua primeira meta agora é cumprir missão. Na escola, Alvin, com sua maneira peculiar, já despertou a atenção de outros para a Igreja por seus exemplos simples, porém dedicados.

Ao ser solicitado a mencionar seu personagem predileto das escrituras, ele pensa um instante e responde: “Acho que é Moisés”. Parece mesmo uma escolha adequada. Antes de aceitar o chamado do Senhor, Moisés achava que não poderia atendê-lo porque era “pesado de língua”. (Ver Êxodo 4:10.) Apesar da falta de aptidão inicial, Moisés fez o que o Senhor esperava que fizesse, um exemplo que Alvin está seguindo.

Muitos filipinos com deficiências acabam internados e alguns tornam-se párias da sociedade. Alvin é uma exceção. “Ele aprendeu a fazer coisas úteis, ainda que os outros achassem que ele não seria capaz”, acrescenta o irmão Caceres.

Sim, coisas úteis como jogar basquete, ir à escola e partilhar o evangelho. Alvin Martinez sabe que é possível destacar-se e, como os arranha-céus de Manila, tornar-se grande. □





DÁDIVAS DA ANTIGA ISRAEL

Lynette H. Kelley

ILUSTRADO POR LARRY WINBORG

O Velho Testamento contém muitos ensinamentos inspirados da antiga Israel, que são aplicáveis aos santos dos últimos dias do Senhor. Embora a vida nos dias de hoje seja, de muitas maneiras, diferente da dos tempos do Velho Testamento, verdades eternas são as mesmas para os filhos de Deus em todas as eras. Ao longo de minha vida, o Velho Testamento tem-me guiado. Seus muitos tesouros eu chamo “dádivas da antiga Israel”.

UMA DÁDIVA DE INFÂNCIA: A JUMENTA DE BALAAO

Balaão viajava com homens mal intencionados em relação a Israel. O Senhor enviou um anjo para detê-lo. A jumenta de Balaão viu o anjo bloqueando a passagem, mas ele não o viu. Por três vezes o animal recusou-se a seguir em frente e três vezes Balaão espancou-o. “Então

o Senhor abriu a boca da jumenta, a qual disse a Balaão: Que te fiz eu, que me espancaste estas três vezes?” O Senhor abriu os olhos de Balaão e ele viu o anjo, o qual lhe disse que a jumenta lhe salvara a vida. (Ver Números 22:5–35.)

Quando eu era criança, esta espetacular história e muitas outras parecidas, emocionavam-me. Imaginem —uma jumenta falante! O Pai Celestial podia fazer maravilhosos milagres como esse.

Já como mãe, lembro-me de uma rara manhã em que me levantei da cama antes das crianças, conseguindo tempo bastante para sentar-me na ensolarada sala de estar e calmamente ler as escrituras. Não demorou muito para que um filhinho de pijama aparecesse. Esfregando os olhos sonolentos, aninhou-se em meu colo. “O que está lendo, mãe?”, perguntou.

Nessas horas, passo a meus filhos as dádivas do Velho Testamento. Primeiro, conto-lhes as histórias mais

populares, como a da arca de Noé (ver Gênesis 6–8), da túnica de várias cores de José (ver Gênesis 37:3–36), e do bebê que o Rei Salomão *quase* dividiu ao meio para dar uma metade a cada uma das mulheres que alegavam ser a verdadeira mãe (ver I Reis 3:16–28).

Depois, conto-lhes as histórias dos heróis menos conhecidos, como os três valentes que serviam o Rei Davi. Durante uma batalha com os filisteus, eles romperam pelo arraial inimigo, arriscando a vida, a fim de pegar um pouco de água para seu sedento rei. (Ver I Crônicas 11:10–19.)

Há muitas histórias semelhantes, que a mente infantil pode saborear.

UMA DÁDIVA JUVENIL: A LIÇÃO DA SAÚDE DE ASA

Em meus anos de faculdade, fui atacada de pequenas doenças, uma após a outra. Cada tentativa de melhorar, com novos medicamentos receitados, parecia apenas aumentar a confusão dos sintomas. Foi então que li a respeito de Asa.

“E caiu Asa doente de seus pés no ano trinta e nove do seu reinado: grande por extremo era sua enfermidade, e contudo na sua enfermidade não buscou ao Senhor, mas antes aos médicos.

E Asa dormiu com seus pais; e morreu no ano quarenta e um do seu reinado” (II Crônicas 16:12–13).

Como Asa, eu também havia “[buscado] aos médicos” somente. Ao ler essa escritura, porém, o Espírito fez-me ver nas mãos de quem estava a minha cura. Após ter feito tudo o que a ciência médica prescrevera, eu orei, e o Senhor guiou-me e abençoou-me. Há anos estou livre daqueles problemas.

DÁDIVA A UMA MISSIONÁRIA: CORRIDAS E PELEJAS

Pergunta: “Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com cavalos?” (Jeremias 12:5).

Resposta: “Não temais, nem vos assusteis . . . ; pois a peleja não é vossa, senão de Deus” (II Crônicas 20:15).

Era um daqueles dias durante minha missão em que eu simplesmente não agüentava mais ver portas baterem em minha cara. Pelo olhar exausto de minha companheira



júnior, era fácil ver que ela se sentia da mesma maneira. Atravessamos a rua, chegando a uma imensa plantação de grãos. Subi a um barranco alto e elevei a voz para uma audiência cativa de torrões de terra e talos altos e amarelos de grãos que, com o vento, concordavam comigo amavelmente.

Proferi um sermão àquele campo, falando do quanto desejava ensinar a ceifa viva da qual fala a seção 4 de Doutrina e Convênios. Eu ansiava por colher almas para o Senhor. Não havíamos lançado a foice com toda nossa força? Parecia, no entanto, que estávamos no mesmo passo dos homens que vão a pé, enquanto nossas metas não cumpridas corriam para longe como cavalos. A escritura encontrada em II Crônicas deu-nos uma nova e confortante perspectiva, ao fazer-nos lembrar de quem era a batalha. A colheita do Senhor está para acontecer em breve, e os vencedores das pelejas e corridas da mortalidade não são determinados por julgamentos mortais.

UMA DÁDIVA DE PAI: “QUEM DERA QUE ELES TIVESSEM TAL CORAÇÃO”

Logo após nosso casamento, eu e meu marido estávamos hospedados em casa de amigos; todos se haviam recolhido tarde, após uma agitada noite de conversas e atividades. Eu e meu marido estávamos quase adormecidos quando nos lembramos de que não havíamos cumprido nossa meta diária de leitura das escrituras. Em vez de acender as luzes e começar a vasculhar nossas malas em busca das obras-padrão, decidimos que, um por vez, citaríamos nossas passagens prediletas.

Foi a primeira vez que ouvi a escritura: “Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem, e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos para sempre!” (Deuteronômio 5:29).

Pude distinguir, pela voz pausada e abafada de meu marido, com que sinceridade ele desejava que as palavras

da escritura se realizassem—que nós tivéssemos tal coração, para que bem nos fosse a nós e a nossos filhos para sempre. Hoje, esse versículo está pendurado na parede de nossa sala de estar. É a receita familiar para um lar eternamente feliz.

UMA DÁDIVA ÀS MULHERES: “MULHERES SÁBIAS DE CORAÇÃO”

Tento sempre me lembrar do contraste entre duas descrições de mulheres encontradas em Provérbios. Há vinte e dois versículos exaltando louváveis feitos e atributos da mulher virtuosa cujo “valor muito excede o de rubins”. (Ver Provérbios 31:10–31.) Comparar com Provérbios 21:19: “Melhor é morar numa terra deserta do que com a mulher rixosa e iracunda”.

O Velho Testamento é repleto de exemplos de mulheres fiéis e justas. Eu reverencio as mulheres “sábias de coração” da antiga Israel. (Ver Êxodo 35:25.) Louvo Rebeca pela revelação recebida do Senhor, de que duas nações surgiriam dos gêmeos ainda em seu ventre. (Ver Gênesis 25:21–23.) Suspiro com a corte de sete anos a Raquel, com seu inesperado final. (Ver Gênesis 29:18–28.) Maravilho-me com a obediência de Sara à lei (ver D&C 132:34) e, com Ana, choro por um filho (ver Samuel 1:4–16). Fico admirada com a liderança de Débora (ver Juízes 4–5) e com a fé da mãe de Sansão, quando conversou com um anjo (ver Juízes 13). Oro para que eu aprenda e siga o exemplo da abnegação de Eva (ver Moisés 5:11), da coragem de Ester (ver Ester 4–5) e da devoção de Rute (ver Rute 1). Espero viver como Abigail e ser citada como uma “mulher de bom entendimento e formosa” (ver I Samuel 25:3).

Tenho recebido dádivas do Velho Testamento, nos momentos certos, ao longo de minha vida: uma jumenta falante, os pés de Asa, corridas e pelejas, um coração obediente e mulheres exemplares. Essas dádivas de Deus, miraculosamente preservadas, estão ao nosso dispor e poderiam muito bem levar o título: “Para: Moderna Israel. De: Antiga Israel. Preste Muita Atenção”. □

QUANDO TODO

Brent A. Barlow

FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON



Melhore suas aulas com debates animados e instrutivos.

Você foi chamado para dar aula de Doutrina do Evangelho na ala. Passou horas pesquisando o tema e examinando a lição. No domingo, confiante, você começa a aula. Após meia hora citando escrituras e falando à classe sobre os assuntos sugeridos pelo manual, porém, você percebe alguns bocejos disfarçados e olhares vazios. O que está errado?

O Senhor delineou um modelo para o ensino em sala de aula:

“Dentre vós designai um mestre, e que não falem todos ao mesmo tempo; mas que cada um fale a seu tempo, e que todos ouçam as palavras do que fala, para que quando todos houverem falado, todos se achem edificados, e que todos tenham privilégios iguais” (D&C 88:122).

O debate em classe é um eficiente método de ensino. Pode criar entre os alunos um processo de descoberta que animará qualquer aula.

Quando o Salvador esteve na Terra, freqüentemente usou esse método, fazendo perguntas para ensinar o evangelho. Por exemplo, quando Simão, o fariseu, censurou Jesus por permitir que a mulher “pecadora” lhe tocasse os pés e os lavasse com lágrimas, Jesus contou a parábola dos dois devedores (ver Lucas 7:36–50): Um deles devia a certo credor cinquenta dinheiros, o outro, quinhentos. Como nenhum dos devedores tinha dinheiro, o credor perdoou a ambos. Então, Jesus fez a Simão a seguinte pergunta: “Dize pois: qual deles o amará mais?” (Versículo 42.)

A participação da classe nas aulas da Igreja tem sido cada vez mais

S HOUVEREM FALADO

incentivada. Por exemplo, no manual do professor de Doutrina do Evangelho do ano de 1990 encontramos as seguintes sugestões: “Como professor, você deve preocupar-se mais em ajudar os alunos a participarem, do que fazer uma palestra. Tendo estudado as escrituras em espírito de oração, os alunos devem ensinar e edificar uns aos outros (ver D&C 88:118, 122). A participação ajuda a ter o Espírito na classe e motiva os alunos a aplicarem e viverem os princípios das escrituras” (página vii).

Podemos mais eficazmente envolver toda a classe no processo de aprendizagem, usando as seguintes sugestões:



TÉCNICAS DE DEBATE EM CLASSE

Antes de iniciar o debate em classe, determine qual, especificamente, deve ser o resultado. Que informação quer transmitir? Que conceitos quer que os alunos desenvolvam? A que ponto deseja chegar? Fazer antecipadamente uma lista destes itens irá ajudá-lo a mantê-los em mente e a concentrar a aula no objetivo de extrair dos alunos opiniões sobre os tópicos da aula.

O método mais usado de criar um debate em classe é o de fazer perguntas. Há muitas maneiras

diferentes de utilizá-lo:

1. Faça uma pergunta genérica que tenha várias respostas, por exemplo: "O que o incentiva a ler as escrituras regularmente?"

A pergunta genérica leva os alunos a pensarem, pois não sabem se serão chamados a dar uma resposta. Após fazer a pergunta, você pode escolher dentre os alunos aquele que parecer disposto a fazer um comentário.

2. Faça uma pergunta genérica e, após uma pausa, peça a alguém que responda. Por exemplo: "Que passagem das escrituras tem sido de grande auxílio para vocês em seu casamento?" . . . (pausa) . . . "João,

alguma escritura lhe vem à mente?"

Antes de fazer esse tipo de pergunta, você pode dar a entender que chamará alguém para responder. Praticamente todos começarão a pensar em algo a dizer.

3. Faça uma pergunta específica a um membro da classe. Use seu melhor discernimento a fim de não causar conflito ou embaraçar alguém sem querer. Por exemplo: "Irmão Carlos, o que poderia fazer se seu filho de dezessete anos quisesse ir ao cinema com amigos em vez de participar da noite familiar?"

Um modo de envolver alunos que hesitam em responder a perguntas individuais é fazer-lhes perguntas



cuja resposta seja “sim” ou “não”. Por exemplo: “Irmã Silvia, acha que o período da manhã é o melhor para estudar as escrituras?”

Após o “sim” ou o “não”, você pode verificar se a pessoa tem qualquer comentário adicional. Se não, prossiga com a lição.

4. Divida a classe em grupos de três a cinco para que debatam alguma pergunta ou tópico específico. Procure fazer com que cada grupo tenha componentes masculinos e femininos. A pergunta ou tópico deve ser claramente compreendido e deve relacionar-se com o tema da lição. Peça que cada grupo designe um porta-voz das conclusões e pensamentos do grupo. Por exemplo: “Debatam três maneiras de melhorar a noite familiar”.

Deve-se fazer debate em grupos pequenos somente quando o tempo da aula for apropriadamente longo. Tenha o cuidado de reservar tempo para que após o debate os relatórios dos grupos sejam ouvidos. Termine a aula ligando os comentários dos grupos por meio de um pensamento conclusivo, uma citação, ou uma escritura.

PRECAUÇÕES

Quando um professor passa da palestra para o debate, perde um pouco do controle não só da classe, mas também do processo de aprendizagem. Alguns estudantes podem oferecer-se constantemente a dar respostas, por serem mais

atirados que os outros ou por terem grande necessidade de participar.

Ademais, alguns dos pontos levantados pelos alunos nos debates podem não se relacionar à aula, não estar corretos, ou mesmo ser contrários aos princípios e ensinamentos do evangelho. Quando isso acontece, às vezes o tempo de aula é gasto na correção ou mesmo discussão de um tópico que tem pouca importância para a lição.

Às vezes, ainda, o professor, os alunos ou ambos permitem que o debate se desvie por assuntos paralelos e logo se encontram discutindo questões que têm pouco ou nada a ver com o tópico original. Quando há muita discussão, ou quando uns poucos membros dominam o debate, os outros podem sentir-se desgostosos.

A chave para resolver qualquer desses problemas é ater-se ao ponto do debate e não deixar que os membros da classe se desviem dele.

VANTAGENS

A principal vantagem dos debates é que envolvem tanto o professor quanto os alunos no processo de aprendizagem, e fazem isso de maneira mais eficaz do que as palestras. Poucos professores têm habilidade suficiente para receber o crédito por tudo o que os alunos aprendem durante a aula toda. Isto é particularmente verdadeiro quando se trata de aulas com uma hora ou mais de duração.

Durante palestras e discursos,

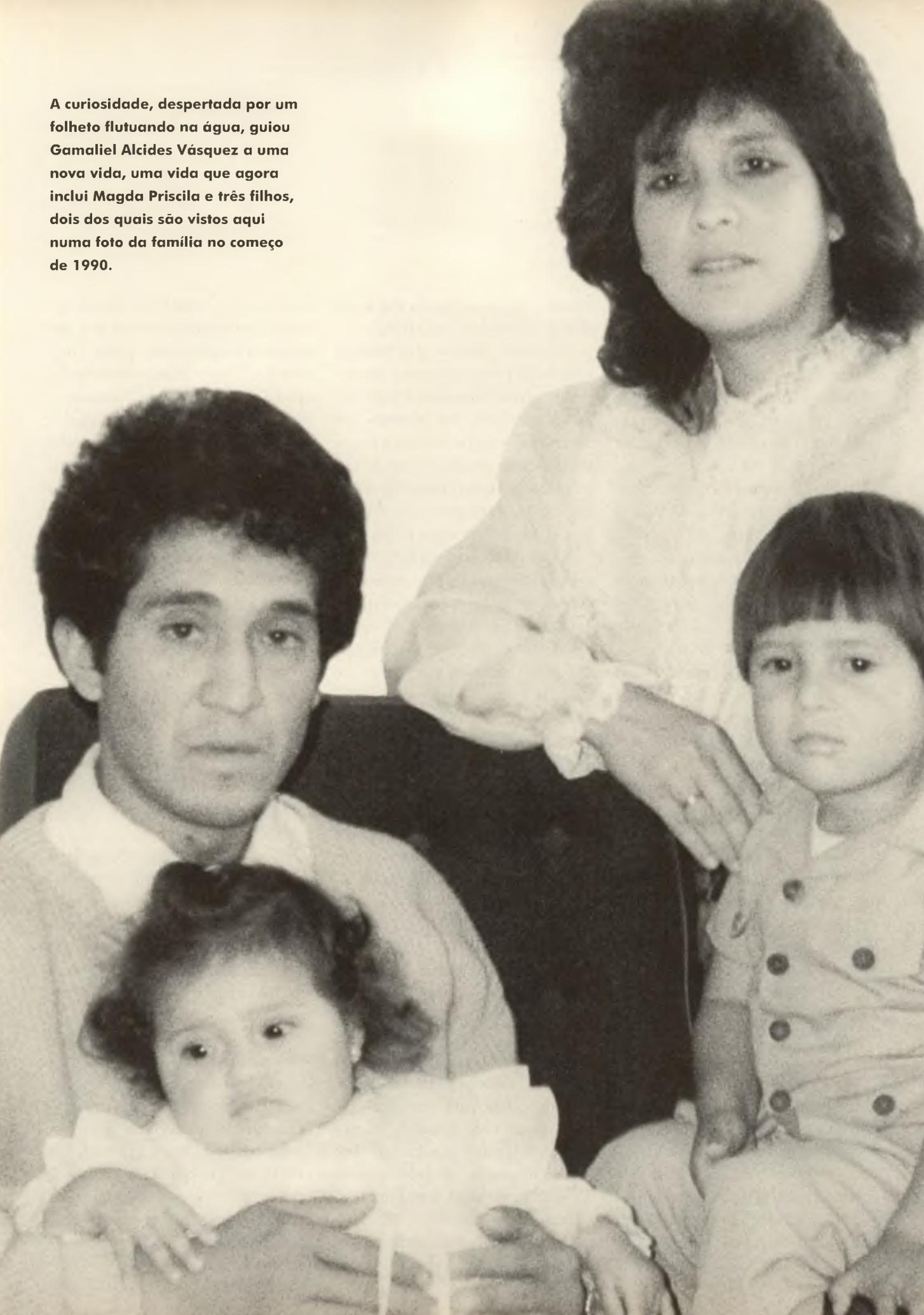
muitos dos membros da classe conseguem concentrar-se por um tempo aproximado de apenas vinte minutos. Depois disso, o interesse e a aprendizagem diminuem bastante, a menos que sejam usados métodos adicionais. Debates em classe mantêm o interesse no ar, pois permitem aos alunos compartilharem o que aprenderam por experiência própria.

Às vezes, ao dar idéias ou relatar experiências, um aluno pode fazer um comentário ou uma pergunta que se aproxime mais do âmago da questão do que os comentários ou perguntas do professor ou do manual. Esse comentário ou pergunta pode levar a aula a uma exploração mais profunda da questão debatida. Ao criarmos um ambiente onde isso ocorra, estaremos seguindo a admoestação que diz: “ensinai-vos uns aos outros” (D&C 88:118).

Criar um debate na classe leva também a outra forma de aprendizagem—pode-se aprender mais sobre os próprios alunos, seus interesses e as dúvidas que têm a respeito de um assunto. Os professores fazem um trabalho melhor quando tratam das necessidades e interesses reais dos alunos.

Perguntas bem planejadas e debates apropriados são essenciais em salas de aula onde se ensina o evangelho. Seguindo estas sugestões, você poderá mais eficazmente criar condições em que todos falem e tenham privilégios iguais, tanto de ensinar quanto de aprender (ver D&C 88:122). □

A curiosidade, despertada por um folheto flutuando na água, guiou Gamaliel Alcides Vásquez a uma nova vida, uma vida que agora inclui Magda Priscila e três filhos, dois dos quais são vistos aqui numa foto da família no começo de 1990.



Folheto na Água

Gamaliel Alcides Vásquez

Em setembro de 1977, eu tinha dezenove anos e estudava em Quetzaltenango, Guatemala, para me tornar professor. Uma tarde, enquanto caminhava para casa, notei um filete de água da chuva descendo a rua em direção ao meu apartamento. Ele levava um pedaço de papel. Para distrair-me, decidi seguir aquele pedaço de papel. Quando cheguei a meu apartamento, peguei-o.

Era um folheto e nunca irei esquecer o título: "A Igreja Conforme Organizada por Jesus Cristo". Em certa época, estivera interessado em encontrar a igreja que Jesus Cristo havia organizado. Investiguei muitas igrejas, mas não me filiei a qualquer delas. Finalmente resolvi desistir de procurar, mas agora, ao ler o título do folheto, de alguma forma percebi que tinha encontrado a igreja verdadeira. Atrás do folheto havia um nome: *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Decidi-me a encontrar aquela igreja.

Quando o semestre escolar terminou, em outubro, fui para minha cidade, Rio Blanco, para três meses de férias. Enquanto estava lá, ajudava a colher o milho. Um dia subia uma montanha num velho caminhão, quando os freios falharam. O caminhão saiu da

estrada e jogou-me dentro de uma vala, quase passando em cima de minha cabeça. Fiquei muito abalado e perguntei-me o que me teria acontecido se tivesse morrido.

As aulas recomeçaram em janeiro e voltei para Quetzaltenango. Embora já morasse havia três anos naquela cidade, nunca vira uma igreja dos santos do últimos dias lá. Num domingo, decidi que, se ela existisse, iria encontrá-la. Acordei cedo e comecei a perguntar a todos os que encontrava se eles sabiam onde ficava a igreja. A princípio ninguém sabia. Outros me indicavam a direção errada. Após três horas, porém, localizei a capela e literalmente corri em sua direção.

O prédio era lindo. Fiquei imaginando se aquela igreja era para os ricos. Por ser tímido, sentei-me no fundo da capela. Não conhecia pessoa alguma lá e ninguém falou comigo, mas adorei a reunião. Tive um sentimento no coração, diferente de qualquer outro já experimentado.

Voltei no domingo seguinte, pensando que se o pastor pedisse às pessoas que fossem à frente e aceitassem Cristo, eu seria o primeiro a ir, mas ninguém foi chamado, apenas três membros deram breves mensagens. Como essa igreja é diferente, pensei, mas gostei dela. Infelizmente, os membros ainda não

Recém-batizado, eu era o único membro da Igreja em Rio Blanco e sentia-me solitário. Se a Igreja é verdadeira, pensei, talvez devesse falar dela às pessoas. Comecei a visitar meus amigos e parentes a cada dia depois do trabalho, para ensinar-lhes o evangelho. Logo tínhamos oito pessoas prontas para o batismo.

me haviam notado e decidi voltar só mais uma vez. Não poderia continuar a freqüentar, se não tivesse alguém para conversar. Pelo menos, teria belas lembranças para acalantar-me.

No terceiro domingo as reuniões estavam igualmente agradáveis e quando eles terminaram, todos conversavam alegremente. Sentei-me na entrada e estava quase a ponto de chorar, pensando que não iria voltar. Então um jovem de cabelos louros, bem vestido, sentou-se perto de mim. Em um espanhol mal falado, perguntou-me há quanto tempo eu era membro da Igreja.

“Não sou membro”, disse, “estou só visitando”. Ele imediatamente pegou uma caderneta e pediu meu endereço.

“Para que precisa de meu endereço?”

“Gostaríamos de conhecê-lo e ensinar-lhe mais a respeito da Igreja”, explicou.

Aceitei seu convite com muito prazer e os missionários começaram a ensinar-me o evangelho. Fiz muitas perguntas que eles nem sempre puderam responder, mas invariavelmente voltavam com as respostas no dia seguinte. As pessoas na escola ridicularizaram-me quando souberam

o que eu estava fazendo e meus familiares que pertenciam a outras igrejas insistiam em discutir comigo. Continuei, porém, a aprender e no momento certo fui batizado.

Logo após, o bispo chamou-me a seu escritório e pediu-me que me preparasse para sair em missão. Sendo muito tímido, a idéia me assustou. Não sabia o que dizer.

Outro ano escolar terminou e voltei para Rio Blanco, mas era o único membro lá e sentia-me solitário. Se a Igreja é realmente verdadeira, pensei, talvez devesse falar a respeito dela às pessoas. Comecei a visitar meus amigos e parentes todos os dias após o trabalho para ensinar-lhes o evangelho. Muitos deles desejaram filiar-se à Igreja. Liguei para o presidente da missão, John F. O'Donnal, e disse-lhe que tínhamos oito pessoas em Rio Blanco prontas para o batismo. Ele ficou muito feliz em ir fazer os preparativos.

Como meu bispo, o Presidente O'Donnal pediu-me que saísse em missão. Desculpando-me, expliquei que não havia líderes do sacerdócio em Rio Blanco. Disse-lhe que sairia em missão depois que ele enviasse alguém. Ele transferiu dois

missionários para lá na semana seguinte e então, com relutância, preenchi os papéis para a missão.

Como esperava, a missão exigiu muito de mim, mas nunca me arrependi da decisão de cumpri-la. Embora meu pai tenha falecido, minha mãe agora é membro da Igreja, como todos, exceto dois, dos seus quatorze filhos vivos. Quatro deles cumpriram missão e dois estão em preparação para sair. Muitos de nós temos chamados na Igreja.

Logo após a missão, fui chamado para presidir o ramo de Rio Blanco. Cinco anos depois, em 1986, minha vida foi maravilhosamente abençoada quando me casei com minha esposa no templo da cidade de Guatemala. Temos agora três belos filhos. Em 1990, nosso ramo tornou-se uma ala e fui apoiado como bispo. Senti que havia irmãos mais qualificados, mas o Senhor me chamou e dei o melhor de mim.

Tenho tido muitas experiências bonitas e compensadoras desde o momento em que encontrei o folheto flutuando na água. Enquanto o resto do mundo luta por poder e riquezas, encontrei paz, segurança e felicidade. □

Freqüentar o Templo: Desafios e Bênçãos

Quando o templo de Salomão foi concluído, praticamente toda a nação israelita se reuniu para comemorar a dedicação. (Ver II Crônicas 5-7.) Da mesma forma, também em nossos dias a dedicação de um templo é motivo de júbilo para a Igreja.

Por que a dedicação de um templo é motivo de tanta alegria? O Élder Boyd K. Packer explicou: "Todos os caminhos conduzem ao templo, pois é nele que somos preparados em todas as coisas para nos qualificarmos a entrar na presença de Deus" (*Lembra-vos de Mim*, Guia de Estudo Pessoal da Sociedade de Socorro 1, p. 84).

VENCER DESAFIOS PARA IR AO TEMPLO

Assim como construir um templo requer grande esforço e sacrifício da Igreja, freqüentar o templo também exige que nos esforcemos e sacrificuemo-nos para vencer desafios pessoais.

A Presidente Elaine L. Jack conta de sua visita a uma mãe de oito filhos em uma pequena cabana de nipa nas Filipinas: "[Em] um canto . . . havia uma pequena mesa com uma máquina de costura portátil . . . Por dois anos [essa irmã] costurara para fora naquela simples máquina para ganhar dinheiro e levar a família ao templo, a fim de serem todos selados" (*A Liahona*, janeiro de 1994, p.109).



ILUSTRAÇÃO DE JUDITH MEHR

Mesmo as que moram perto de um templo precisam vencer desafios pessoais. Para uma, o desafio pode ser a saúde deficiente, para outra, uma vida atarefada. Algumas podem achar difícil afastar-se dos filhos pequenos ou de um parente enfermo que necessite de cuidado constante. Para outra o desafio pode ser um marido não-membro da Igreja que a desencoraja. Às vezes, o desafio pode ser fé vacilante ou mesmo uma sensação de indignidade.

Seja qual for a circunstância, podemos, todos os dias, lutar para vivermos dignas de ir ao templo. Mesmo que a oportunidade não chegue logo, nossa vida será mais feliz.

• *Como uma pessoa pode viver dignamente todos os dias para ir ao templo?*

DESFRITE AS BÊNÇÃOS DA FREQUÊNCIA AO TEMPLO

Membros dignos da Igreja podem receber e ajudar outros a receberem

as sagradas ordenanças do templo, tais como batismo pelos mortos, investidura, casamento eterno e selamento. Ao provermos esses serviços, somos abençoadas individualmente. O Presidente Ezra Taft Benson escreveu: "Na paz desses belos templos, às vezes encontramos soluções para os sérios problemas da vida. Sob a influência do Espírito, às vezes, quando estamos no templo, recebemos um fluxo de conhecimento puro. Eles são locais de revelação pessoal. Quando estou assoberbado com um problema ou uma dificuldade, vou à casa do Senhor, com uma prece no coração, pedindo respostas" (*A Liahona*, junho de 1992, Seção Infantil, p. 2).

A ida ao templo nos abençoa de várias maneiras. Por exemplo, uma irmã que conseguiu ir ao templo regularmente percebeu que sua vida parecia mais organizada e que era mais capaz de resolver seus problemas. Ficou, porém, mais contente ainda quando seu filho adolescente comentou: "Acho que *minha* semana transcorre melhor quando minha mãe e meu pai vão ao templo". O templo permite que nos concentremos em assuntos eternos. Muitas vezes, saímos do templo com maior capacidade de amar, servir, entender as escrituras e progredir para de novo viver com o Pai Celestial.

• O que passa a ser diferente em nossa vida depois de termos estado no templo? □



Ajudar as Crianças a Ouvirem a Voz Mansa e Delicada

C. Terry e Susan L. Warner

Como as crianças descrevem sentimentos espirituais?

“Muito bonito. Sinto como se não houvesse nada com o que me preocupar” (Daniel, doze anos).

“Sinto como se tudo estivesse certo” (Sara, sete anos).

“Sinto que não quero fazer nada de errado. Só quero ser bom o tempo todo” (Bernardo, dezesseis anos).

“Não é somente um sentimento. É como o amor que o Pai Celestial e Jesus têm por nós e como o amor que a gente tem por eles e pela família” (Miguel, dez anos).

“Sinto-me como se tivesse me lavado e estivesse limpa” (Júlia, nove anos).

As crianças têm muitos sentimentos espirituais que transparecem em semblantes alegres, mas, ao contrário das crianças mencionadas acima, algumas talvez nunca tenham sido ensinadas a reconhecer que esse sentimento é espiritual e vem de Deus. Até mesmo crianças a quem pais amorosos ensinam o evangelho nem sempre entendem e assimilam as explicações de assuntos do evangelho.

Por exemplo: após uma reunião de testemunho no acampamento, Beatriz, de quinze anos, perguntou à amiga Tânia como é sentir o Espírito. Tânia lhe disse: “É difícil explicar com palavras, mas é como um sentimento transbordando dentro de mim. Fico feliz e sinto vontade de chorar ao mesmo tempo”.

Beatriz respondeu com surpresa: “Já me senti assim, mas não sabia que era o Espírito”.

De modo geral, ninguém ajuda melhor as crianças a reconhecerem seus sentimentos espirituais do que os

pais, e a melhor época para fazê-lo é a infância. Os pais são dotados pelo Senhor de grande amor pelos filhos, da capacidade de discernir suas necessidades e sentimentos e do direito de receber orientação espiritual para eles. Por serem as crianças pequenas muito sensíveis ao amor dos pais, elas são receptivas a sua influência e anseiam por serem ensinadas.

Muitos professores de língua estrangeira acreditam que as crianças aprendem melhor uma língua pelo método de “imersão”, quando estão rodeadas de outras pessoas que falam a língua e, assim, são levadas a falar também. Elas aprendem não somente a dizer algumas palavras, mas a falar fluentemente e até mesmo a pensar na nova língua. O lugar adequado para se usar o método de “imersão” espiritual é em casa, onde os princípios espirituais formam a base para a vivência diária. “E [as palavras do Senhor] intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te.” (Deuteronômio 6:7.)

A fim de imergir nossos filhos na educação espiritual, nós, como pais, seríamos sábios se começássemos por nós. Alguns de nós talvez tenham dificuldade em ensinar sobre o Espírito, porque achamos difícil reconhecer nossos próprios sentimentos espirituais. Podemos, erradamente, buscar grandes manifestações, mas as experiências espirituais vêm, com mais probabilidade, através de um sentimento de calma, um ardor dentro do peito (ver D&C 9:8) ou uma impressão que, silenciosamente, nos leva a agir ou nos faz recuar.

O Presidente Ezra Taft Benson disse: “Ouvimos as

As atividades selecionadas cuidadosamente conseguem retirar da família as influências mundanas e conduzi-la a um ciclo de paz e apoio mútuo baseado no amor. O sentimento de pertencer a uma família eterna servirá como um ponto de referência divino para os filhos.

palavras do Senhor mais freqüentemente através de um sentimento. Se formos humildes e sensíveis, o Senhor nos inspirará, na maioria das vezes, por meio de nossos sentimentos. É por isso que os sussurros do Espírito algumas vezes nos levam a experimentar grande alegria e outras vezes nos levam às lágrimas” (*Teachings of Ezra Taft Benson*, Cidade do Lago Salgado: Bookcraft, 1988, p.77). Tal sentimento pode ser a compaixão por alguém necessitado, a disposição de obedecer a pais ou líderes, um estímulo para perdoar, um desejo de fazer as coisas certas quando erramos em relação a alguém ou um sentimento de gratidão. Estes sentimentos espirituais tornam-se mais claros e mais intensos à medida que ouvimos e obedecemos aos sentimentos de certo e errado que o Senhor colocou em nosso coração (ver Mosiah 7:15-17). “Quando se faz o que é certo”, disse uma vez o Presidente Benson às crianças da Igreja, “sente-se bem, e é assim que o Espírito Santo lhe fala” (*A Liahona*, julho de 1989, p. 82).

Quando cultivamos o Espírito no coração, tornamo-nos mais capazes de ensinar, de influenciar outros corações pelo Espírito. (Ver 2 Néfi 33:1.) Se, porém, não tivermos o Espírito, nossos filhos talvez notem a falta de sinceridade, ainda que digamos as coisas certas. Eles podem sentir que estamos tentando forçá-los a obedecer e podem não querer ouvir-nos. Uma criança de seis anos, por exemplo, causou tumulto no supermercado pedindo doces e tirando latas da prateleira quando não foi atendida. Sua mãe desesperada, ao invés de discipliná-la com mais carinho, agarrou a menina pelos ombros e asperamente lhe disse que se sentasse. “Eu estarei sentada por fora” respondeu a filha, “mas estarei em pé

por dentro!”

Quando ensinamos pelo Espírito—“e o Espírito servos-á dado pela oração da fé” (D&C 42:14)—existem diversas coisas que podemos fazer conscientemente para ajudar nossos filhos a aprenderem a reconhecer e buscar seus próprios sentimentos espirituais e ser guiados por eles.

1. *Ajude-os a aprenderem a orar.* Precisamos começar quando os filhos ainda forem muito pequenos, ajoelhando-nos com eles de manhã e à noite. Nesse ambiente, podemos expressar amor uns pelos outros e pelo Pai Celestial. Ao participarem repetidas vezes desta sagrada experiência, as crianças desenvolvem o hábito de voltar freqüentemente à reverência, ao amor, à segurança e à paz associados com a oração.

A oração pessoal pode vir a ser um refúgio espiritual particular, mas a oração em família também propicia oportunidades importantes de experimentarem-se sentimentos espirituais. Mesmo as crianças menores conseguem sentir o caráter reverente e o respeito tranquilo que advêm da oração em família. É óbvio que, às vezes, as crianças são agitadas e os pais ficam impacientes, mas a repetição da experiência da oração conjunta tranqüiliza e fortalece a todos. Uma de nossas filhas mais velhas disse uma vez a uma de suas irmãs mais novas: “Quando escuto Jenny conversar com o Pai Celestial, consigo vislumbrar o céu”. Temos também um filho que, em sua agitação dos três anos, freqüentemente se acalmava ao ouvir seu nome mencionado na oração familiar.

2. *Mantenha a tranqüilidade.* Uma atmosfera continuamente serena é essencial para o ensino das coisas espirituais. Uma vez que o Espírito fala através de uma

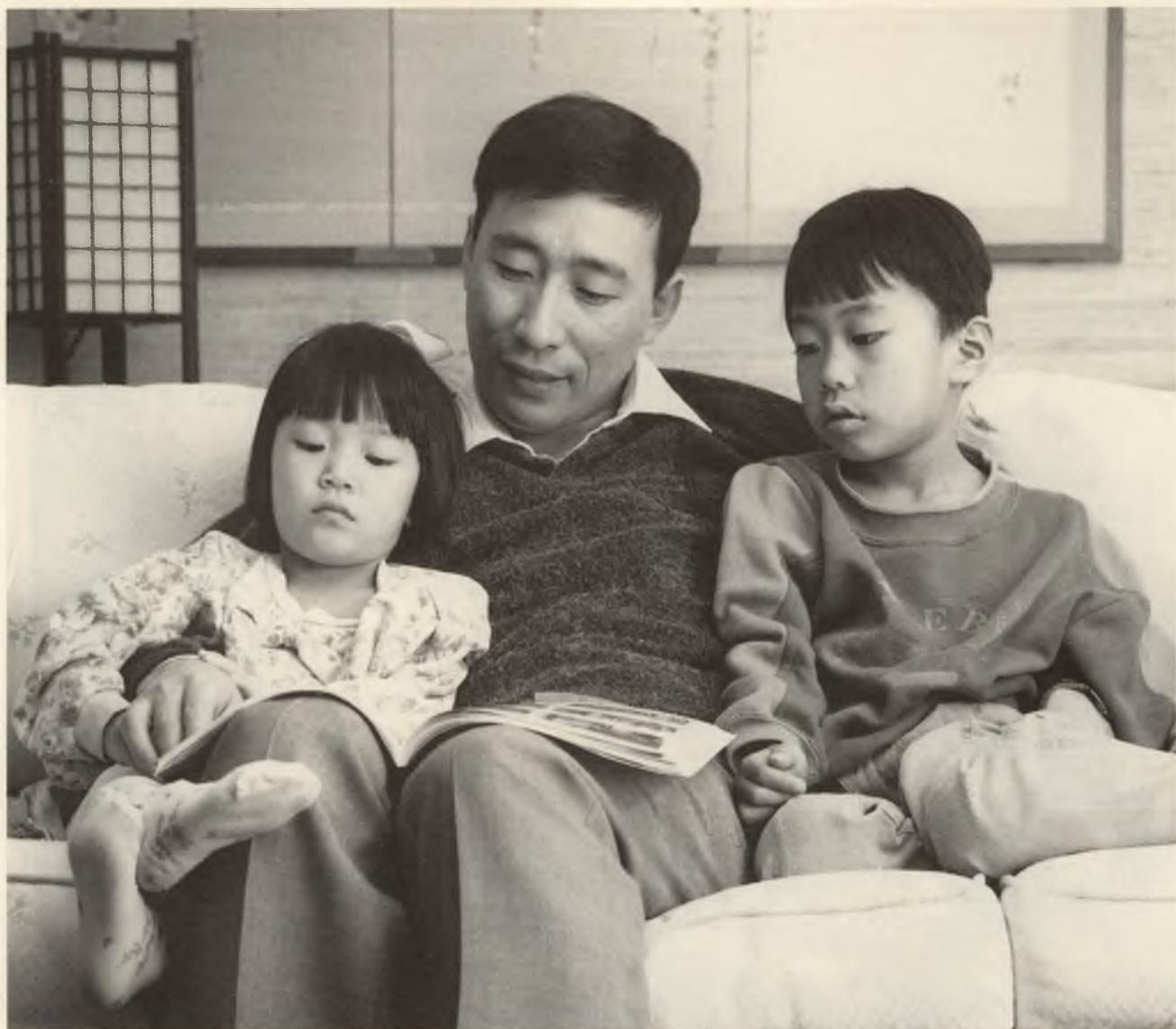


“voz mansa e delicada” (1 Néfi 17:45), é difícil discernir sentimentos espirituais em meio a confusão e, especialmente, a contendas. Nós, pais, temos que começar por nós próprios. Por meio do arrependimento e da fé, devemos esforçar-nos para termos paz no lar. Devemos falar baixo e com respeito, demonstrar amor e gratidão, desculpar-nos e perdoar prontamente e estar sempre alegres. Podemos não obter sucesso imediato em tais esforços, mas o lar é o local perfeito para se treinar o melhor modo de agir. O sucesso será alcançado mais facilmente se livrarmos nosso lar de influências mundanas, que incluem programas de televisão, vídeos, música e material de leitura que ofendem o Espírito do Senhor.

3. *Ensine o evangelho ao nível das crianças.* As doutrinas do reino, ensinadas em sua pureza e simplicidade, têm

um impacto eterno nas crianças, quando o Espírito confirma o testemunho. Em alguns aspectos, nossos filhos são como pesquisadores do evangelho, perguntando e aprendendo. Quando fazem perguntas e expressam pensamentos que parecem estar totalmente fora do tema de uma noite familiar, devemos levar a sério seus comentários e encorajá-los a refletir, ainda que não consigamos dar a lição conforme planejada. Dar-lhes apoio dessa maneira ensina-os a ter confiança em seus sentimentos.

4. *Conduza-os em atividades familiares salutareas.* As atividades selecionadas cuidadosamente conseguem retirar as influências mundanas da família e conduzi-la a um ciclo de paz e apoio mútuo baseado no amor. O sentimento de pertencer a uma família eterna, que é um



sentimento espiritual, servirá como ponto de referência divino para os filhos, por meio do qual medirão outros relacionamentos. Os grupos de amigos com influências negativas passam a oferecer muito menos atrativos se os jovens estiverem ligados de uma maneira espiritual a suas famílias.

Uma de nossas filhas disse-nos que os momentos mais significativos de sua infância e juventude aconteceram “quando a família estava junta sem ninguém estar aborrecido e nos sentávamos, conversando, cantando e sentindo o Espírito do Senhor. Sentia-me completamente feliz”.

5. *Converse com eles em todas as oportunidades.* Algumas de nossas melhores lembranças são de conversas abertas com os filhos, quando eles faziam de tudo para deitar-se mais tarde. Escutávamos

atentamente, fazendo apenas as perguntas necessárias para encorajá-los a contar-nos as alegrias e desapontamentos do dia. Jamais encontramos melhores oportunidades para conversar sobre sentimentos e para mostrar, com base nas experiências diárias de uma criança, como o Espírito pode ter sido ouvido ou ignorado. As oportunidades de se falar a respeito de sentimentos espirituais com uma criança podem ser encontradas durante atividades diárias comuns como, por exemplo, cuidando do jardim, arrumando a cozinha ou fazendo pequenas tarefas.

6. *Ouçá os sussurros do Espírito.* Devemos estar atentos para as oportunidades de ajudar nossos filhos a sentirem a influência do Espírito—oportunidades para que sintam gratidão, reflitam a respeito das bênçãos e recebam inspiração. Certa mãe contou uma história que ilustra a

Nossos filhos são como pesquisadores do evangelho. Devemos levar a sério seus comentários e encorajá-los a refletir, ainda que não consigamos dar a lição conforme planejada.

maneira pela qual os pais podem sutilmente guiar os filhos em situações semelhantes.

Ao voltarem de um parque de diversões aonde haviam ido com a escola, Ricardo e José estavam muito entusiasmados por haverem ganhado um aviãozinho de madeira cada um e o filho mais velho, Samuel, estava ainda mais feliz, pois ganhara dois deles. Ao irem dormir, Ricardo ajoelhou-se em seu avião e quebrou-o em pedaços. Ficou inconsolável. A mãe sugeriu a Samuel que desse um dos seus a Ricardo. “Mãe”—disse ele—“como pode pedir-me que faça uma coisa tão difícil?”

Carinhosamente, ela lembrou-o do dom do Espírito Santo que ele recebera após o batismo. “Ouça seu coração e será capaz de decidir o que fazer”, respondeu-lhe a mãe.

Alguns instantes mais tarde, Ricardo enxugava as lágrimas e agradecia Samuel pelo presente. E Samuel escreveu em seu diário: “Ao dar meu avião ao Ricardo, senti uma espécie de sorriso e um sentimento muito bom em meu coração. Era tão forte que parecia que eu ia explodir. Quase não consegui dormir aquela noite, por causa da sensação de que meu coração ia explodir”. Ele disse a sua mãe que sabia que o Espírito Santo o ajudara a tomar a decisão.

Ensinar a respeito do Espírito parece particularmente difícil quando as coisas não vão bem em casa. Nosso primeiro impulso pode ser o de tomarmos medidas drásticas com nossos filhos, criticando-os, diminuindo-os ou condenando-os. Em momentos assim, é mais importante do que nunca buscarmos o Espírito e restaurarmos a paz por meio de sua influência e

orientação. Quando reagimos à desobediência, às contendas e à rebelião desse modo, promovemos a cicatrização através do Espírito e ensinamos nossas famílias a respeito da paz que isso traz.

“Não podemos forçar os nossos filhos nem as nossas filhas para o eterno lar. Podemos conduzi-los ao inferno, se usarmos meios violentos para torná-los bons, quando nós mesmos não somos o que deveríamos ser. (. . .) Podemos corrigir nossos filhos somente com amor—com bondade, com amor não fingido, pela persuasão e pela razão.” (Joseph F. Smith, *Doutrina do Evangelho*, p. 288.) Isso pode exigir que escutemos pacientemente as reclamações das crianças ou suas frustrações enquanto resistimos à tentação de forçá-las a se comportarem corretamente. Pode ser que precisemos confessar-lhes nossas falhas e pedir-lhes que nos perdoem. Pode ser que choremos com eles a respeito de algo que tenha saído errado. Pode ser que tenhamos que parar de fazer alguma coisa de importância para nós, a fim de atendermos a suas necessidades.

Quando realizamos o sagrado trabalho de educar nossos filhos, não o fazemos sozinhos. O sacrifício traz as bênçãos do céu e não há empreendimento que mais necessite de bênçãos do que alimentar a sensibilidade espiritual de nossos filhos. O Senhor prometeu ajudar-nos. (Ver D&C 45:57–58.) Os sacrifícios que fazemos, as lágrimas que derramamos e as orações que oferecemos não são desperdiçados. Recebemos ajuda dos céus só por tentarmos ensinar nossos filhos.

“Portanto, não vos canseis de fazer o bem, pois estais construindo o alicerce de um grande trabalho. E de pequenas coisas provêm as grandes” (D&C 64:33). □

Nosso Dia de Semeadura

Netzahualcoyotl Salinas V.

Era domingo e os élderes da Ala Constitución, Estaca Guadalajara Unión México, estavam na reunião do sacerdócio. Os irmãos ouviam a aula que estava sendo dada pelo presidente do quórum, um exímio professor. Entre os presentes estavam um élder recém-ordenado e seu pai, que retornava à Igreja após longo período de inatividade.

A lição do dia focalizava o próprio quórum de élderes. “O que é um quórum do sacerdócio?”, o presidente perguntou, e os irmãos deram várias respostas. É como uma família, disseram, e os irmãos do quórum deviam estar sempre sinceramente preocupados com o bem-estar uns dos outros e ajudar-se mutuamente.

Como bispo da ala, juntei-me ao grupo em tempo de ouvir o final da lição. Levantando a mão, pedi permissão para falar. “Acabei de saber que o irmão Noriega, um dos membros do nosso quórum, não está conseguindo a maquinaria de que precisa para plantar”, disse eu. “Visto que as chuvas já começaram, é urgente que as sementes sejam plantadas imediatamente. O irmão Noriega corre o risco de não conseguir plantar, pois é idoso e não conta com quem o ajude.

Sugeri que no dia seguinte fôssemos todos ajudar o irmão Noriega a plantar suas sementes. Com certeza, todos juntos poderíamos fazer o trabalho, mesmo sem a

maquinaria necessária. Todos se prontificaram a pôr em prática a lição do dia, e o presidente do quórum fez os acertos finais.

No dia seguinte, o irmão Noriega nos esperava com ferramentas e sementes. Não conseguira dormir, contou, sabendo que o quórum iria ajudá-lo. Enquanto alguns irmãos limpavam o terreno, outros preparavam a terra ou depositavam as sementes nos buracos e as cobriam. Dois dos participantes mais ativos eram o membro recentemente reativado e seu filho.

Estava escuro quando terminamos o trabalho. Sujos e cansados, tínhamos bolhas nas mãos e espinhos nas roupas. Todos, porém, estávamos muito satisfeitos por termos ajudado nosso irmão—e sentíamos que realmente aprendêramos o significado da aula da reunião do sacerdócio. Expressando gratidão, o irmão Noriega disse que se julgava jovem e forte novamente enquanto trabalhava lado a lado com os irmãos do quórum. O homem recém-reativado também disse que a atividade lhe dera nova força e coragem. No momento em que estávamos partindo, a chuva começou a cair e todos ficamos molhados. O banho, porém, foi uma bênção. Uma chuva do céu era tudo que precisávamos para completar nosso dia de semeadura. □



FREED
ANDERSON
1934

Lembranças da Luz

A influência duradoura de um acampamento de Moças na Itália



Três curtos assobios: hora de jantar. As três moças hesitam por um momento, mas o jantar pode esperar que elas terminem de compartilhar testemunhos e amizade.

Don e Catherine Thorpe

Ouvem-se vozes distantes através das árvores nas montanhas. Ao olhar para o alto do rochedo, vemos três meninas italianas, de braços dados, cantando e caminhando em nossa direção. Aos poucos reconhecemos a canção, uma das favoritas das moças SUD, "Caminhar pela Fé". Assim que Iris Cartia, Annalisa Brandonisio, e Stefania Ferrazano se aproximam, todas começam a falar de uma só vez: parte em inglês, parte em italiano e parte em francês, gesticulando bastante. Então Stefania começa a cantar uma música popular italiana para nós, acompanhada de dança e risos animados. Logo, as meninas ficam sérias de novo e cantam diversos hinos da Igreja. Estas moças, que têm em média de quinze a dezessete anos, são de áreas diferentes na Itália e condições de vida totalmente diversas, mas é bastante óbvio que elas gostam muito umas das outras.

Estávamos no verão de 1990 e era

a época de *Torchlight 90*, um acampamento de Moças de âmbito multiestacas na Itália. Mais de 130 moças participaram desse acampamento de uma semana nas escarpadas montanhas perto de L'Aquila, cerca de 80 quilômetros de Roma.

Por acaso, estávamos em Trieste, Itália, no dia anterior à saída das jovens da ala para o acampamento. Rita Schina, a líder das Moças da Ala Trieste, convidou-nos para acompanhar o grupo. Tínhamos outros planos, mas um sentimento em nosso coração nos disse que devíamos ir, de modo que atendemos ao sussurro. E temos sido muito gratos por tê-lo feito.

Alguma coisa nos tocou espiritualmente com relação às moças que encontramos no acampamento. Talvez tenha sido o espírito que elas irradiavam e a animação que demonstravam em relação a seus ideais, ou até mesmo o respeito que



FOTOGRAFIA DE DON THORPE





demonstravam pelos líderes. Com certeza, uma parte resultava do amor que sentiam umas pelas outras e que crescia imensamente a cada dia que passavam juntas.

Com o correr dos anos, temos nos correspondido com algumas das moças que participaram do acampamento para ver se o extraordinário espírito que testemunhamos permanece com elas. Estamos satisfeitos em saber que sim.

UM COMEÇO

O acampamento foi dividido em sete locais, cada um representando um dos sete valores das Moças. Em cada local, as moças de diversas estacas ou distritos se misturavam para que pudessem fazer amigas de outras áreas da Itália. O acampamento estava localizado no planalto de Rocco di Mezzo, rodeado de

montanhas escarpadas e pontilhado de barracas cheias de jovens conversadeiras e risonhas.

Três curtos assobios: hora de jantar. As três moças hesitam por um momento, mas o jantar pode esperar enquanto elas terminam de compartilhar testemunhos e amizade. Após mais algumas canções, retornamos ao acampamento lentamente. A cada manhã, todas se reúnem para a cerimônia de hasteamento da bandeira e logo depois se entretêm com as brincadeiras. Esta manhã, há nuvens no céu e o vento frio sopra nas montanhas. As moças fazem um semicírculo em frente às bandeiras e assim que o sol aparece sobre os picos das montanhas, ficam em silêncio para a oração de abertura. Os sons dos pássaros e grilos se misturam suavemente com o sussurro do vento. Esta é uma manhã importante, pois o irmão Christian Euvrard, líder regional de área, está discursando para as moças. Ele fala sobre o programa das

Moças como um guia para o planejamento do futuro. Ao terminar, pega um graveto e quebra-o como símbolo de que a cerimônia está terminada. Agora é hora das brincadeiras e é então que algo incomum começa a acontecer.

Ao se formarem vários grupos de moças, um dos grupos parece ficar isolado dos outros. É um pequeno grupo de moças americanas cujos pais trabalham ou vivem temporariamente na Itália. Elas não falam italiano e não estão familiarizadas com alguns dos costumes que são comuns para as moças italianas e, por isso, sentem-se deslocadas. As moças italianas conversam brevemente em grupo e então caminham em direção às americanas e relatam uma experiência que tiveram numa atividade planejada pela Igreja em Florença, no ano anterior. "Um dos membros do grupo não falava italiano e decidimos passar o dia todo sem falar, usando somente gestos. Quando o

“Apesar de nunca nos termos visto antes, foi como se fôssemos amigas desde o dia em que nascemos. Por causa do exemplo de algumas delas, aprendi a ler o Livro de Mórmon toda noite. Por fazer parte

do acampamento e receber o amor de todos os que estavam lá, senti-me mais perto de Deus do que nunca. Parecia que o véu que nos separa dele deixara de existir por um momento.”

dia terminou, sentimo-nos muito mais próximas uma das outras”. Em pouco tempo, americanas e italianas estão conversando e cantando juntas. Já é um começo.

UMA INFLUÊNCIA DURADOURA

A líder das moças americanas, Linda Black, ainda vive em Verona, Itália. Ela nos escreveu dizendo que diversas jovens americanas se tornaram boas amigas das moças italianas e continuam a escrever-lhes.

Annalisa Brandonisio, de Veneza, escreveu-nos: “Apesar de nossa língua e costumes serem diferentes, senti-me unida ao grupo americano por causa da forte influência que o Espírito do Senhor exercia em nós”.

Ao contar-nos sobre o acampamento, disse: “Eu mal conseguia dormir à noite, pois sentia o coração cheio de emoções e sentimentos a respeito daquela semana nas montanhas. *Torchlight 90* ajudou-me a reconhecer que me aproximo de Deus ao ter bons amigos”.

Annalisa tem agora dezenove anos. É missionária de estaca e professora visitante na Ala Modena, Estaca Veneza. Ela planeja cumprir missão de curto prazo neste verão e missão de tempo integral quando tiver a idade necessária.

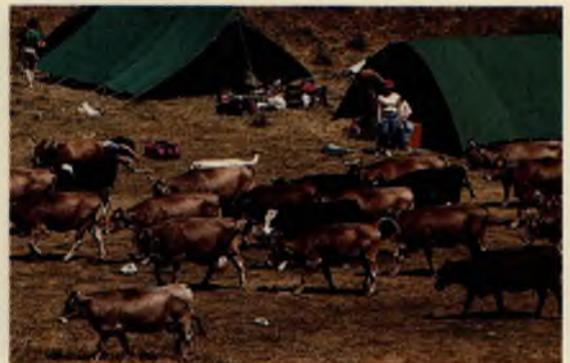
Sonia Plescovich, do Ramo III de

Gênova no distrito de Turim, escreveu: “*Torchlight 90* permanecerá em meu coração pelo resto da vida. Embora fôssemos muitas jovens vindas de diferentes lugares, todas tínhamos os mesmos ideais, os mesmos pensamentos e crenças. Apesar de nunca nos termos visto antes, era como se fôssemos amigas desde o dia em que nascemos. Aprendi a amar aquelas moças como amo minha família. Por causa do exemplo de algumas delas, aprendi a ler o Livro de Mórmon todas as noites. Por fazer parte do acampamento e receber o amor de todos os que estavam lá, senti-me mais perto de Deus do que nunca. Parecia que o véu que nos separa de Deus deixara de existir por um momento”.

Sonia, com vinte anos agora, é a primeira conselheira na Sociedade de

Socorro do ramo, professora visitante, regente do coral e organista do ramo. Ela planeja começar uma missão de tempo integral ainda este ano. Em sua mais recente carta, comentou: “Em uma das nossas recentes conferências do PAS, encontrei algumas moças que conheci no acampamento e conversamos sobre as boas recordações que tínhamos. Ainda sinto grande amizade pelas moças que conheci naquele acampamento”.

Iris Cartia, do ramo de Vimercate, Estaca Milão, escreveu-nos sobre seus sentimentos com relação às moças que conheceu no acampamento: “A Igreja ainda não cresceu muito na Itália e até os membros de um ramo ou ala freqüentemente moram longe uns dos outros. Apreciei muito as oportunidades que tive de conviver



“Na última reunião de testemunho, as moças e líderes formaram um grande círculo e, de mãos dadas, cantaram uma música de despedida. Começaram com voz forte, mas terminaram em lágrimas e choro, seguidos de

longo silêncio após a última oração.” Uma jovem disse: “O Espírito do Senhor trabalha como mágica em nossos acampamentos de Moças: toca-nos o coração por apenas um segundo, mas pode mudar nossa vida para sempre”.

com moças que compartilham minhas crenças e sentimentos. Foram momentos importantes em minha vida e deles adquiri a força necessária para prosseguir e ser diferente do mundo, ser uma luz para aqueles que me rodeiam. Sei que nem o tempo nem a distância pode impedir aqueles que amam o evangelho de se unirem em alegria, não importando de onde venham”.

Logo após o acampamento, Iris nos escreveu: “Essa experiência ajudou-me a concentrar-me nas coisas importantes, tais como planejar minha vida de modo que possa cumprir missão e casar-me no templo”.

Três anos mais tarde, essas metas ainda são importantes para Iris. Ela agora tem dezenove anos e é a organista do ramo, regente do coro da Sociedade de Socorro e professora

visitante. Ela cumpriu uma missão de curto prazo em Turim, Itália, e corresponde-se com uma senhora de setenta e três anos que conheceu quando era missionária lá. Planeja, também, cumprir missão de tempo integral.

Iris continua a sentir a influência do acampamento em sua vida:

“*Torchlight 90* deu-me um ideal e um exemplo que ainda vivem em meu coração. O exemplo dos líderes, no acampamento, inspirou consideravelmente o meu estilo de liderar”.

Stefania Ferrazzano, do Ramo de Foggia, no distrito de Puglia, escreveu-nos sobre o acampamento: “Quando estava nas montanhas, sem o conforto moderno, dei-me conta de quanto o Senhor me tem abençoado. Isto me ajudou a saber

que minha vida depende de Deus e que o evangelho é minha âncora e meu guia. No acampamento, aprendi que temos de lutar pelas coisas que desejamos alcançar e que, se fizermos nossa parte, o Senhor fará o resto”.

Stefania tem agora vinte anos e está pronta para sair em missão de tempo integral quando fizer vinte e um anos. Sua irmã atualmente cumpre missão em Milão. Stefania é a primeira conselheira na presidência da Sociedade de Socorro do ramo, bibliotecária do ramo e secretária adjunta. Ela também foi professora da Escola Dominical para os jovens de doze a dezoito anos e nos conta: “Mesmo após três anos, a influência de *Torchlight 90* em meu testemunho ainda está presente”.

“NO ALTO E SUBINDO CADA VEZ MAIS”

As moças reúnem-se em um “fogo de conselho” sem fogo — não é permitido fazer fogueiras ao ar livre nessas montanhas. As animadas conversas envolvem a todos e há um agitado levantar de mãos quando uma moça ou outra tenta chamar a atenção para um determinado ponto. Tudo isto se mistura com sorrisos e gargalhadas e uma eventual lágrima de compreensão.

As moças continuam a rir e falar animadamente até que a irmã Adele





Peloni, uma das líderes das Moças da Estaca Veneza e uma das líderes do acampamento, fica em pé, trazendo uma calma que aumenta a leveza do som da brisa das montanhas. Ela diz: "Lembrem-se dos padrões das Moças . . . Sejam fiéis a vocês mesmas". O tema do acampamento, "No alto e subindo cada vez mais", e a música do acampamento, "Caminhar pela Fé", refletem os ideais do programa das Moças em todo o mundo. As moças já ouviram estes conceitos antes, mas de algum modo, neste lugar, com as montanhas tão próximas e novos amigos ao redor, elas sentem uma energia enorme nas palavras que reforçam os sentimentos de amor entre elas e aumentam o desejo de estarem mais próximas do Espírito.

Quando o sol se põe atrás das altas montanhas e começa a escurecer, elas reúnem-se nas barracas e conversam sobre suas experiências no acampa-

mento—armar barracas ao vento, fazer mesas de pedaços de madeira e cordas e cozinhar sem nenhum conforto. Quando a noite chega, tomam-se mais próximas e conversam a respeito de seus sentimentos e esperanças. Frequentemente estes pensamentos se voltam para o evangelho e o significado que ele tem para elas.

Tivemos que deixar o acampamento antes da última noite, e, por isso, Tiziana Rossato, uma das líderes da Estaca Veneza, escreveu-nos para contar a experiência daquela noite: "Na última reunião de testemunho, as moças e líderes formaram um grande círculo e, de mãos dadas, cantaram uma música de despedida. Começaram com voz forte, mas terminaram em choro e lágrimas, seguidos de longo silêncio após a última oração".

Fomos ao acampamento para ver

se tal experiência poderia mudar a vida das moças SUD. Agora percebemos que a experiência também mudou nossa vida. A alegria que as moças sentiram ao viver os padrões do evangelho e o sincero amor e respeito que demonstraram por nós e umas pelas outras têm tido uma influência permanente em nossa vida.

Ainda recebemos cartas das moças e elas frequentemente nos falam sobre os ternos sentimentos que as ligam ao acampamento e às pessoas que conheceram lá e tornam a afirmar que *Torchlight 90* lhes modificou a vida. Uma das moças resumiu os sentimentos de todas que participaram do acampamento: "O Espírito do Senhor trabalha como mágica em nossos acampamentos de Moças: toca-nos o coração por apenas um segundo, mas pode mudar nossa vida para sempre". □



MINHA ROSEIRA

Nome omitido

Em meio às flores carinhosamente cuidadas de meu jardim existe uma roseira, a minha favorita. Seus galhos longos e finos são selvagens e sem finalidade. Por serem muito pesados, rastejam por cima da grama. Meu pai e meu marido, por inúmeras vezes, disseram-me que arrancasse a roseira, mas não o farei. Foi um presente de meu filho, Jon.*

Lembro-me do dia em que a recebi. A princípio pensei que Jon tivesse esquecido que era Dia das Mães, pois saíra de manhã cedinho sem dizer uma palavra. Ficara imaginando onde estaria. Não era normal que ignorasse totalmente um dia festivo. Apesar disto, apreciei as reuniões da igreja, os lindos presentes recebidos de outros familiares e o maravilhoso jantar que prepararam.

Finalmente, já tarde da noite, Jon chegou em casa com uma linda roseira florida, em um pequeno vaso. Ele planejava comprar a roseira e depois ir à igreja comigo, como presente especial de Dia das Mães, mas, assim como muitos de seus projetos sérios e grandiosos, este não havia dado certo. Em sua pesquisa para achar a roseira perfeita, perdera as chaves do carro e ficara preso. Prestei atenção a sua explicação enquanto lia sua nota escrita à mão. Prometeu que iria comigo à igreja na semana seguinte. As lágrimas atrapalharam-me a visão. Suas palavras ansiosas não eram promessas vazias, ele realmente desejava cumpri-las, mas alguma coisa sempre interferia em seus planos.

Cuidei dessa roseira em seu pequeno vaso por mais de

um ano, com um cuidado maternal. Segui as instruções detalhadas que a acompanhavam. Colocava-a na garagem durante o inverno; protegia-a quando o sol do Arizona* estava muito quente. E nunca deixei de orar, bem como todos de minha família, pedindo que Jon pudesse prosperar e florescer, assim como desejava que a planta com que me havia presenteado o fizesse.

Quando nos mudamos do Arizona de volta para minha cidade natal no Wyoming, levei a roseira comigo no carro. Jon ficou no Arizona porque desejava ser independente. Visto que o Wyoming seria nosso lar permanente, plantei a roseira de Jon em nosso jardim.

No primeiro ano, apesar de todo meu empenho, de ler livros de jardinagem e de pedir ajuda, ela não se desenvolveu. Molhava as raízes, punha fertilizante e lutava contra os pulgões. Tentei de tudo. Ela ficou viva, mas nunca floriu. Toda vez que cuidava dela pensava em Jon no Arizona e orava por ele, que nos telefonava ocasionalmente e parecia confiante: "Tudo formidável, mãe. Sem problemas". Ficávamos, porém, preocupados. Da mesma forma, ansiosamente cuidava da roseira, e esperava que o próximo ano fosse melhor.

No outono, pudei a roseira e coloquei esterco em suas raízes para protegê-la. O inverno naquele ano foi o pior dos últimos quarenta anos. Esperei ansiosamente para ver se minha planta especial sobrevivera. Com o casaco sendo açoitado pelo vento sibilante, ajoelhei-me na neve e olhei para os galhos desfolhados da roseira. Haveria qualquer sinal de vida sob a terra coberta de neve? Impossível dizer.

*Os Nomes e Lugares foram mudados

Naquele inverno senti que a vida de Jon não estava indo tão bem quanto ele esperava. Muitas noites, quando o vento leste soprava e as janelas batiam, eu ficava sem dormir pensando se ele freqüentava a igreja, se comia bem, ou se estava saindo com seus amigos que usavam drogas. Embora Jon nunca nos dissesse em seus telefonemas, sentíamos que ele se debatia com problemas que não podia resolver. Parecia estar sofrendo de intensa depressão. Nós o amávamos, lembrava-lhe eu, sentíamos saudades e ele sempre seria bem-vindo se voltasse. Disse-lhe que estávamos dispostos a pagar para que tivesse tratamento médico se desejasse.

Quando a primavera finalmente chegou, as outras roseiras do jardim começaram a brotar com pequeninas folhas vermelhas, mas a minha roseira favorita estava sem folhas e parecia sem vida. Com a esperança de que de alguma forma pudesse reavivá-la, regava-a à mão e tirava as folhas mortas que lhe cobriam as raízes.

Certa tarde, meu pai, um jardineiro experiente, inspecionou minha roseira e declarou que estava morta. Com sua bengala ele bateu no caule marrom e curtido pelo tempo e disse que era hora de desistir e plantar outra roseira em seu lugar. Eu, porém, não segui seu conselho.

Naquela primavera fiz mais jejuns e orei mais fervorosamente por Jon. Fui ao templo mais vezes e sempre deixava seu nome na lista de oração. Então recebemos um telefonema no meio da noite. Jon havia decidido voltar para casa. Não nos disse o motivo, mas não tinha importância; estávamos felizes simplesmente porque voltaria para junto de nossa família.

Pouco tempo depois, trabalhando nas roseiras, percebi um rebento pequenino que tentava brotar das raízes de

minha roseira especial. Apesar de tudo, ela havia sobrevivido! Estava tão animada, que insisti com meu pai para que viesse a nossa casa e presenciasse aquele broto milagroso.

“Será uma roseira selvagem”, meu pai disse. Pacientemente, ele remexeu no broto coberto de esterco com sua bengala. “Este broto é um rebentão, brotando debaixo do enxerto, jamais dará flores. É melhor arrancá-la agora e plantar outra roseira”.

“Nunca”, disse eu. Lágrimas rolavam em meu rosto. Ela havia suportado o inverno, embora tivéssemos pensado que havia secado. Não poderia desistir agora.

Então, continuei a cuidar de minha roseira. Muitas vezes trabalhava em meu jardim bem cedo. Valorizo muito o sentimento tranquilo que me vem quando ajoelho na grama, cuido de minhas rosas e oro por Jon. Sou grata por ele estar em casa. Nossas orações em família por Jon continuam. Estamos todos felizes por tê-lo de volta. Pelo menos não temos que nos preocupar se ele está comendo ou não. Minha intuição materna me diz que ele ainda não está bem. Meu pai e meu marido me dizem que Jon ainda é jovem e que irá amadurecer e saberá pôr sua vida em ordem. Guardo para mim os momentos preciosos da manhã. Logo o calor, as frustrações e desafios do dia os perturbarão. Mas ainda não.

Descanso um pouco e observo o céu cor-de-rosa ficar mais claro. O amanhecer é tão especial que me espanto de tê-lo detestado quando criança. Passei meu décimo terceiro verão na casa de vovó em Preston, Idaho. Queria comer framboesas, nadar no canal e ler livros, mas minha rigorosa avó insistia em que eu cuidasse das rosas, colhesse morangos e aprendesse a costurar. Eu costumava esconder-me debaixo dos cobertores e fingia que



estava dormindo enquanto ouvia vovó preparar o desjejum. Ela me chamava para que saísse e trabalhasse em seu jardim, mas eu a ignorava quando podia e adormecia com os estalidos de sua tesoura de podar e o farfalhar das folhas nos arbustos.

Quando tinha que trabalhar no jardim, reclamava. Ainda assim, ao conversar com vovó enquanto o sol começava a subir no céu, aprendi a querer-lhe bem, a amá-la. No jardim, ela não parecia ser tão austera e proibitiva como normalmente era. Ela me contou de seu amor por vovó, e como nunca havia perdido a esperança nele, embora por muitos anos não fosse membro da igreja. Com lágrimas nos olhos e um sorriso contou-me que o dia mais feliz de sua vida foi quando vovó levou a família ao templo para ser selada.

Trabalhar em meu jardim faz-me lembrar de vovó e de sua fé em vovó. A tesoura de podar provoca cãibras na mão enquanto podar minha roseira selvagem e com os galhos crescidos. Cuidadosamente arrumo os galhos em uma pilha. Um som de música repentino, do rádio no quarto de Jon no porão, me assusta, mas rapidamente é silenciado e a tranqüilidade volta a reinar. Jon logo estará levantando.

Ao terminar a poda o sol já está alto, quente no meu rosto. A pilha de galhos está mais alta do que esperava. Minhas mãos e braços foram arranhados e feridos ao forçar os galhos espinhosos no saco de lixo. Vários espinhos fortes furaram-me a mão, e ela está sangrando. Ouço um pássaro cantar ao ajoelhar-me na grama, e fico a pensar se os pássaros sentem alguma coisa quando observam seus filhotes voarem pela primeira vez. Meu coração está tão dolorido quanto minhas mãos, e sei que o calor logo será tão intenso que terei de entrar em casa.

Escuto a motocicleta de Jon roncar ao sair para o trabalho, e descanso um pouco. Minhas lágrimas caem como a chuva enquanto meu coração o acompanha. Então, recordo-me de vovó. Lembro-me de observá-la enquanto enxertava um galho de sua roseira mais bonita em uma roseira velha e meio morta. Sua voz ecoa em minha mente vinda do passado. “Não desistirei desta planta sem lutar”, disse-me ela naquela manhã muito tempo atrás. “É preciosa demais para não tentar recuperá-la”.

O sol estende-se por trás das montanhas e derrama seus raios sobre mim enquanto estou ajoelhada ao lado de minha roseira especial. Fico curiosa sobre a possibilidade de enxertar alguns galhos das roseiras de meu pai na roseira estéril que Jon me deu. Talvez então se tornasse produtiva. Talvez o jardim de meu pai tenha roseiras que descendam das roseiras do jardim de vovó. Fecho os olhos e vejo vovó trabalhando industriosa-mente ao raiar do dia, cuidando de suas rosas perfumadas. Fico a pensar se teriam tentado convencê-la de que as rosas jamais cresceriam na terra árida de Idaho. Será que teriam alguma vez sugerido, durante os anos em que não era membro da Igreja, que vovó nunca mudaria? Será que vovó teria dado ouvidos a tais comentários? Ou será que continuou a trabalhar, a orar e a esperar?

Não me importo se não sou prática. Não me importo se oramos por milagres que possam parecer improváveis a alguns. Irei ao jardim de meu pai e farei alguns enxertos de suas roseiras. Não desistirei de minha roseira querida. □



De Todo o Coração

Seth H. Boyle

Cresci como qualquer outra criança da Igreja, indo à escola, praticando esportes e tendo outros interesses. Quando tinha dezoito anos, comecei a pensar em cumprir missão. Meu irmão mais velho cumpriu missão no Brasil e minha irmã estava em missão na Inglaterra. A missão sempre me parecer a coisa certa a fazer.

Ao me aproximar do último ano colegial, porém, comecei a ficar preocupado. Não estava certo de que podia testificar de todas as partes do evangelho —particularmente da história de Joseph Smith. Um de meus melhores amigos disse-me: “Por que vai sair em missão? Só porque seu pai mandou e tem medo de não ir?” Pensei nisso várias vezes até decidir que era melhor descobrir por que ia para a missão.

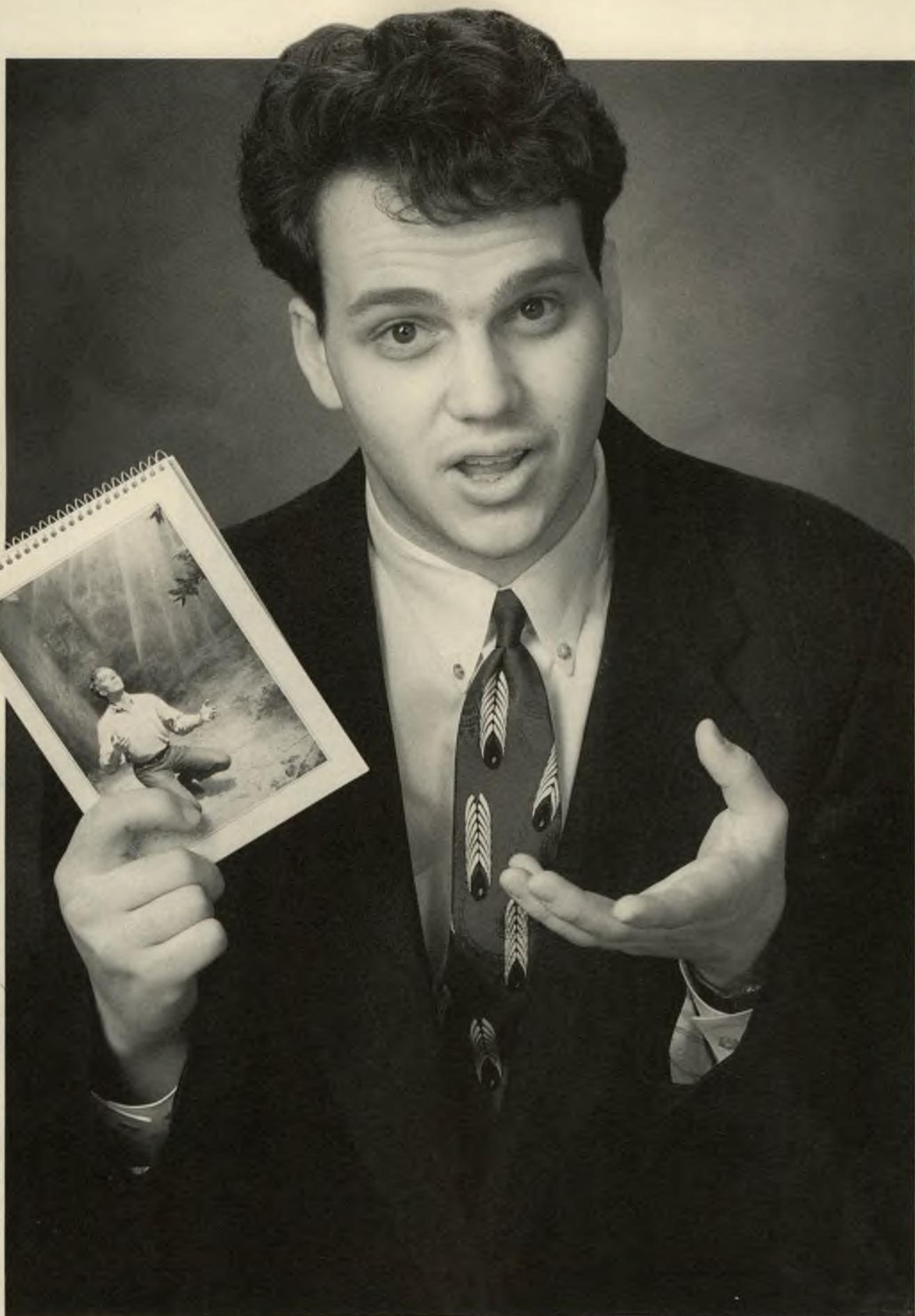
Nessa época, já havia enviado os documentos exigidos. Procurei meu pai para que me ajudasse na preparação. Todo domingo passávamos uma hora ou duas em meu quarto conversando sobre algum tema do evangelho ou simplesmente lendo as escrituras. Meu pai incentivou-me a ler *Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro*, que terminei antes de entrar no Centro de Treinamento Missionário. Eu sentia nitidamente que

estava fazendo o que devia ser feito.

Após várias semanas no CTM, porém, fiquei desanimado. Meu testemunho de Joseph Smith ainda não era tão forte quanto eu achava que devia ser. Comecei a orar de todo o coração. Nenhuma resposta. Pensei que talvez estivesse fazendo algo errado, então li as escrituras, conversei com pessoas, fiz tudo o que podia. Ainda assim, nada.

Então, uma semana mais tarde, meu professor predileto do CTM fez-nos representar o ensinamento do quarto princípio da primeira palestra, que era justamente sobre Joseph Smith. Quando meu companheiro, Élder Brockbank, começou a ensinar sobre o Profeta, recebi a resposta de minhas orações. Quando ele terminou, eu estava chorando. Nunca esquecerei aquela noite. Serei eternamente grato por Élder Brockbank e a maneira como deu a mensagem de Joseph Smith. Seu testemunho ajudou-me a receber o meu.

Meu testemunho nunca foi tão forte como agora, e prestá-lo ao povo alemão todos os dias é maravilhoso. Sei, hoje, de todo o coração, que Joseph Smith foi chamado por Deus para liderar esta dispensação. □





Mann

ERGA-SE E DEFENDA SUA CRENÇA

Élder James E. Faust

Do Quórum dos Doze

Meus queridos amiguinhos, a Igreja a que pertencemos representa muitas coisas, incluindo integridade, honestidade e altos objetivos.

Como membros individuais da Igreja, temos também nossa própria identidade. Cada um de nós representa alguma coisa, quer seja forte ou não, boa ou não.

É importante que cada um de nós defenda, apóie e viva integral e abertamente aquilo que a Igreja representa em nossa vida.

Sinto-me inclinado a contar uma história a respeito de uma experiência própria. Talvez a lição que tenha aprendido na ocasião seja de alguma ajuda para vocês.

No terrível ano de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, fui incorporado ao Corpo de Aviação do Exército como soldado. Numa noite fria no campo de Chanute, no estado de Illinois, foi-me dada a responsabilidade da guarda da noite. Caminhando em volta de meu posto, tremendo de frio e, ao mesmo tempo, tentando manter-me acordado, meditei sobre meus problemas durante toda aquela longa e horrível

noite. Pela manhã, tinha chegado a algumas conclusões.

Estava noivo e sabia que não poderia sustentar minha esposa com o salário de soldado. Senti que precisava me tornar um oficial. Um ou dois dias após a noite que passei de guarda, preenchi os papéis para a Escola de Candidatos a Oficial. Logo depois, no dia marcado, fui convocado, juntamente com outros, a comparecer diante de uma junta que tinha como objetivo avaliar minhas qualificações e aptidões. Estas eram poucas, mas havia cursado dois anos de faculdade, servira missão para a Igreja na América do Sul, tinha vinte e dois anos e boa saúde. Com tão poucas qualificações, fiquei grato de poder incluir o fato de que havia sido missionário da Igreja.

As perguntas que me foram feitas pela junta de oficiais muito me surpreenderam. Praticamente, todas as perguntas centralizavam-se no meu trabalho missionário e no que acreditava. “Fuma?” “Bebe?” “O que pensa dos outros que fumam ou bebem?” Não tive nenhum problema para responder a estas perguntas.

“Ora?” “Acha que um oficial deve orar?” O oficial que

me fez estas últimas perguntas era um militar de carreira bastante experiente. Ele não parecia ter o hábito de orar freqüentemente. Ponderei: *Iria ofendê-lo se respondesse de acordo com minha crença? Deveria dar-lhe uma resposta menos controvertida e dizer-lhe simplesmente que a oração é um assunto pessoal?* Queria muito ser oficial, pois assim não precisaria fazer a guarda da noite nem trabalhar na cozinha, mas, principalmente, porque teria condições de me casar com minha querida noiva.

Decidi não mentir e respondi que eu orava e achava que os oficiais deviam buscar orientação divina, assim como alguns grandes generais já o haviam feito. Acrescentei que os oficiais, em determinados momentos, deveriam estar preparados para liderar seus homens em todas as atividades, incluindo a oração, se necessário.

Meus examinadores fizeram perguntas ainda mais interessantes: “Em tempos de guerra, não deveria o código moral ser mais flexível?” perguntou um oficial de alta patente. “O estresse da batalha não justifica os homens fazerem coisas que não fariam em casa, em situações normais?”

Aí estava uma chance de mentir um pouco para dar uma boa impressão e mostrar-me uma pessoa bem flexível. Sabia perfeitamente que os homens que me faziam estas perguntas não viviam os padrões que eu havia sido ensinado a viver, que tentava viver e que havia ensinado a outros. Pensei comigo mesmo: *lá se vão minhas esperanças de tornar-me oficial.* Veio-me à mente o pensamento de que talvez eu ainda pudesse ser fiel a meus princípios e responder que tinha meus conceitos com relação a moralidade, mas que não desejava impor minha opinião aos outros. Parecia-me, contudo, ver os rostos das muitas pessoas a quem ensinara a lei da castidade como missionário e sabia perfeitamente o que as escrituras dizem sobre fornicação e adultério.

Não podendo retardar minha resposta por mais

tempo, disse simplesmente: “Não acredito que exista mais que um padrão de moralidade”.

Houve mais algumas perguntas para descobrir, acredito, se eu estava tentando ou não viver e comportar-me diante do mundo de acordo com a fé que tinha. Deixei a entrevista lamentando que os oficiais que me haviam questionado a respeito de nossas crenças não iriam gostar das respostas que dera e iriam com certeza dar-me notas muito baixas. Poucos dias depois, as notas foram afixadas e, para minha surpresa, a nota ao lado de meu nome era “95 por cento”. Fiquei espantado. Fiz parte do primeiro grupo chamado para a Escola de Candidatos a Oficial e fui promovido ao posto de cabo para entrar na escola. Formei-me, tornei-me segundo tenente, casei-me com minha namorada e “vivemos felizes para sempre”.

Esta foi uma das mais difíceis decisões da minha vida, uma das muitas vezes que tive de erguer-me, examinar minha alma, e, como todos vocês, ser identificado. Nem todas as experiências de minha vida nas quais tive que defender minha crença terminaram do modo que eu gostaria, mas sempre fortaleceram minha fé e ajudaram-me a adaptar-me a outras ocasiões em que o resultado foi diferente.

Por mais que tentemos, não podemos esconder o que somos. Aquilo que somos se irradia de dentro de nós. Somos transparentes. Quando tentamos enganar, enganamos a nós mesmos.

Aqueles que permanecem firmes, constantes e imutáveis recebem grande poder interior e força invisível e serão investidos de plenos e vigorosos recursos espirituais.

Presto meu testemunho do sagrado trabalho em que estamos envolvidos. O cabeça que dirige esta igreja é nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Ele lidera e dirige o trabalho através de um profeta vivo, que, por sua vez, dirige os trabalhos do reino sobre a Terra. □



Orson Hyde Dedica a Palestina para a Volta dos Judeus, de Clark Kelley Price

Elder Orson Hyde, do Quórum dos Doze Apóstolos, registrou sua experiência ao dedicar a Terra Santa: “Domingo, 24 de outubro [1841], bem antes de amanhecer, levantei-me e, assim que os portões foram abertos, saí da cidade, atravessei o ribeiro Cedrom, subi ao cume do Monte das Oliveiras e lá, em silêncio reverente, ... proferi a oração [dedicatória] a Ele, que vive para todo o sempre” (*History of the Church*, 4: 456).



Armar barracas ao vento, fazer mesas de pedaços de madeira e cordas e cozinhar sem nenhum conforto tornaram-se alegres lembranças de um acampamento das Moças, na Itália. E o que dizer das influências duradouras?

Ver “Lembranças da Luz”, página 34.

